

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

NATÁLIA DE MELO CABRAL MONTEIRO

**O SENTIDO DA ARTE NA ERA DO CANSAÇO:
Estudo em uma turma do ensino médio**

CAMPO GRANDE – MS
2024

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

NATÁLIA DE MELO CABRAL MONTEIRO

**O SENTIDO DA ARTE NA ERA DO CANSAÇO:
Estudo em uma turma do ensino médio**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Artes Visuais – licenciatura - da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte das exigências para a obtenção de grau de Licenciatura em Artes Visuais, elaborado sob orientação da Profa. Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi.

CAMPO GRANDE – MS
2024

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi

Prof. Dr. Joaquim Sérgio Borgato

Prof. Dr. Paulo César Duarte Paes

AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade de enriquecimento estético, social, cultural, proporcionado pelo ambiente da Universidade Federal de MS neste Curso de Artes Visuais. Foi um grande privilégio e honra poder estar neste espaço de pesquisa de arte, que só pude perceber o grande valor disso ao final do curso. A todos os professores e colegas que pude ouvir e também me ouviram, trocando saberes que transformaram o meu modo de olhar. Agradeço a meu pai que me ensinou a valorizar a arte, através da sua vida, em dedicação ao ofício de produção cultural, e as experiências culturais advindas dela. Agradeço também ao meu companheiro de vida, e sua família, por todo o apoio e escuta neste processo de superação e ampliação de horizontes. A todos os meus familiares que de alguma forma contribuíram para concluir esse curso hoje, em especial a Tia Nice. Ao amigo Salomon que com sua escuta me fortaleceu em direção a finalizar o curso. A referência sensível do meu Tio Pedro que através do seu olhar pensante me ajudaram a desvelar a importância dos nossos sentidos humanos.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso surge do questionamento de como a aula de arte pode fazer sentido na era do cansaço para uma turma do ensino médio? Essa pergunta norteia esta investigação que busca conhecer o contexto contemporâneo em que os alunos desta faixa etária estão inseridos e como podemos construir relações na aula de arte para refletir esse momento. Para isso, a pesquisa analisa os conceitos da sociedade do cansaço (Han, 2015), o sentido da arte e sua relação de alteridade. Assim como o currículo do ensino de Arte no Ensino Médio e também coleta dados através de um questionário, em uma turma do 2º ano, sobre o uso da tecnologia e a arte no seu cotidiano. A partir das pesquisas teóricas e da reflexão do questionário descreve-se os resultados percebidos e a importância do ensino de arte no processo de formação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Sentido da Arte, Ensino de Artes Visuais, Estética do Liso, Alteridade, Experiência, Vício nas Telas.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Sherman, Cindy. (americana, n. 1954) Sem título 359, 2000. Fotografia.....	21
Fig. 2: Sherman, Cindy. (americana, n. 1954) Sem título #465, 2008.....	21
Fig. 3: Sherman, Cindy. (americana, n. 1954) Sem título #474, 2008. Fotografia.....	22
Fig. 4: Sherman, Cindy. (americana, n. 1954) Sem título #475, 2008. Fotografia.....	22
Fig. 5: Sherman, Cindy. (americana, n. 1954) Sem título #475, 2008. Fotografia.....	22
Fig. 6: Sherman, Cindy. (americana, n. 1954) Sem título #475, 2008. Fotografia.....	23
Fig. 7: Correia, Susano. “Homem deitado no cansaço de ser”. 2021. Desenho.....	37
Fig. 8: Correia, Susano. “Homem de convicções, que topou numa incerteza”. 2021. Desenho.....	37
Fig. 9: Correia, Susano. “Homem pedindo licença para amar”. 2021. Desenho.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Aparelho tecnológico mais utilizado e seu uso.....	55
Tabela 2: Redes sociais mais usadas.....	55
Tabela 3: Visita a exposições e participação em práticas artísticas fora da escola.....	56
Tabela 4: Linguagens mais citadas de artes visuais.....	56
Tabela 5: Aparelho tecnológico mais utilizado e seu uso.....	57
Tabela 6: Jogo online mais usado e seus atrativos.....	57
Tabela 7: Benefícios e prejuízos com o uso do celular.....	58
Tabela 8: Lugar de origem e idade.....	58

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	14
1.1 A Sociedade do Cansaço e a Estética do Liso	14
1.2 O Vício nas Telas.....	21
2. O SENTIDO DA ARTE.....	26
2.1 A Dimensão Simbólica da Arte.....	26
2.2 A Arte no Ensino Médio.....	41
3. QUESTIONÁRIO, PLANO DE AULA E RESULTADOS OBTIDOS.....	42
3.1 Análises e proposições a partir dos resultados obtidos	48
Considerações Finais.....	50
Referências Bibliográficas	52
Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais.....	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar como a arte proporciona experiências de produção de sentidos na era do cansaço tecnológico em uma turma do ensino médio. Os objetivos específicos são analisar os conceitos da sociedade do cansaço (Han, 2015), o sentido da arte e sua relação de alteridade. Analisar também o currículo do ensino de Arte no Ensino Médio e coletar dados, através de um questionário, em uma turma do 2º ano sobre o uso da tecnologia e a arte no seu cotidiano. A partir das pesquisas teóricas e da reflexão do questionário; descrever os resultados percebidos da pesquisa ação, relacionando com a experiência da aula de arte com uma turma do ensino médio em Campo Grande, MS.

Como a aula de arte pode fazer sentido na era do cansaço para uma turma do ensino médio? Essa pergunta norteia esta investigação que busca conhecer o contexto contemporâneo em que os alunos de uma turma do ensino médio estão inseridos e como podemos construir relações na aula de arte para refletir esse momento. Perceber suas questões e necessidades atuais é importante para definir a escolha de como comunicar e quais práticas pedagógicas no ensino de arte serão mais interessantes, como diz Nessimian e Taveira

O professor deve estar atento às características da faixa etária, interesses e “direitos” culturais artísticos e estéticos de seus alunos, no mundo contemporâneo. Ele é o mediador de conhecimentos de arte durante os cursos, e articulador das vivências dos estudantes com os novos saberes a serem aprendidos. (Nessimian; Taveira, 2017, p. 1611)

Em uma palestra realizada em Alcínio - MS, pelo projeto Trilha Rupestre com a professora Mirian Celeste abordando o tema da mediação cultural, é reforçada a importância de quem media as experiências artísticas que nos marcam e viram memória em nós. Sejam eles pais, amigos, tias, professores, desconhecidos. Pensando nessa responsabilidade que um licenciado tem em relação a mediações em sala de aula, parece importante refletir com os alunos temas sobre o tempo presente e seus desafios. Um deles abordado neste trabalho refere-se a submissão ao uso do aparelho celular de forma acrítica. Existe um debate sobre a modernidade das relações do trabalho em que o trabalhador é submetido a estar com o aparelho celular de forma extensiva e suas consequências. Pensando nos alunos do ensino

médio que muitos deles já vivem o mundo do trabalho e outros estão se encaminhando para isso.

Foi escolhido este teórico sul-coreano, radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, que reflete sobre essa sociedade contemporânea em que a tecnologia e a promoção da liberdade são os instrumentos de alienação atualmente. “O excesso de liberdade e tecnologia sem uma forma ou conceito que as reúna, em vez de reflexão e enriquecimento, pode gerar opressão e massificação intensa” (Han, 2017). Relaciono com a fala de outro autor utilizado no segundo capítulo deste trabalho, Duarte Jr. Ao mencionar que: “Falta às pessoas uma visão cultural do todo em que vivem. Cada um possui conhecimentos parciais, desconexos, sem uma visão de mundo que os integrem num todo significativo” (Duarte Jr, 2019, p.33).

Pensando nas aulas do ensino médio surge a vontade de investigar como a arte pode nos encontrar e nós a ela em sala de aula. Observando obras artísticas, é possível perceber que há muitas estratégias pensadas no processo de criação, desde as configurações visuais: linha, formas geométricas, cor, textura, composição, às intenções, roteiro, cenografia, som, figurino, luz, etc. Tudo isso para provocar uma experiência estética com o público presente. E o processo de criação da aula de arte? Que estratégias na era do cansaço (Han, 2017) a professora pensa ou deveria pensar antes de suas aulas para promover uma experiência estética com seus alunos?

O conceito da Sociedade do Cansaço, segundo o filósofo sul-coreano e professor na Universidade das Artes de Berlim, Byung-Chul Han, se caracteriza pelo período contemporâneo, marcado pela violência da positividade neoliberal que resulta em super produção, super desempenho e super comunicação. O excesso de informações, a comunicação incessante e a constante conectividade proporcionada pela internet e dispositivos móveis se tornam instrumentos de opressão desta sociedade.

Como a arte influencia a atribuição de sentido ao mundo por jovens do ensino médio, nesta era do cansaço, é um questionamento que tem como foco ampliar a consciência sobre o potencial e os desafios a serem enfrentados nas escolas neste momento contemporâneo. Refletir sobre a importância do papel da arte na formação humana dentro da escola, principalmente depois das últimas alterações do currículo, e coletar dados sobre o uso da tecnologia relacionado à arte no cotidiano de

adolescentes de uma turma do 2º ano do Ensino Médio, é a principal motivação desta pesquisa.

A relevância desta pesquisa reside em sua contribuição para o curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFMS, proporcionando reflexões que relacionam o contexto contemporâneo do ensino de arte com a prática pedagógica no ensino médio. Diante dos numerosos desafios que podem ser encontrados, como a desvalorização docente, as desigualdades materiais, a alienação através do excesso de informações e os possíveis retrocessos na luta pela valorização da arte enquanto área de conhecimento, esta investigação busca oferecer uma análise sobre a temática.

A metodologia é uma pesquisa-ação, qualitativa com base bibliográfica e pesquisa de campo, com os instrumentos de observação e descrição dos resultados. Se faz necessário a metodologia de pesquisa-ação pelo objetivo de investigar o sentido da arte para os alunos de uma turma do ensino médio, relacionando com os teóricos/conceitos selecionados, com a finalidade de compartilhar com a comunidade acadêmica os resultados encontrados. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

A pesquisa-ação é essencial para transformar o conhecimento existente sobre o ensino de arte no ensino médio, através da coleta de dados e da experiência prática proposta. Esta abordagem visa relacionar teoria e prática, desmistificando certas verdades estabelecidas sobre as aulas de arte no ensino médio. Inspirando-se nas palavras de Larrosa sobre o potencial da experiência, esta investigação busca liberar novas perspectivas e insights.

[...] Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo. (Larrosa, 2002, p.3)

A pesquisa se constituiu em oito etapas, sendo elas: estudo e embasamento teórico da pesquisa, coleta de dados através de questionário, anotações sobre as conclusões da escrita do TCC e a apresentação no Colóquio.

Para dar suporte ao tema e objetivo desta pesquisa, considerou-se como referencial os estudos desenvolvidos por Byung-Chul Han, João Francisco Duarte Junior, Mirian Celeste Martins, Jorge Larossa e Paulo Freire, entre outros.

Apresento a seguir o mapeamento das pesquisas que tem alguma relação com o objeto desse TCC:

Autor	Título	Palavras-chave	Instituição	Natureza / Ano	Referência	Resumo
Amanda de Arruda Gonçalves	A ARTE E SUAS CONCEPÇÕES PARA OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: o que dizem as turmas do “terceirão”	Educação. Ensino Médio. Ensino de Arte. BNCC.	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Trabalho de Conclusão de Curso. 2021.	Biblioteca Depositária: UFMS – Curso de Artes Visuais	Neste trabalho propôs-se analisar a concepção de Arte para alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de Campo Grande – MS. Considerou-se para atender esse objetivo, a análise da legislação educacional, entre o período de 1971 até 2018, com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
Byung-Chul Han	A expulsão do Outro	Alteridade, experiência, violência positividade neoliberal.	Editora Vozes	Livro / 2022	Livro	O tempo no qual havia o outro passou. Desaparece o outro como mistério, o outro como sedução, o outro como eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor. A negatividade do outro dá lugar, hoje, a positividade do igual. A proliferação do igual constitui as transformações patológicas que afligem o corpo social. Não privação e proibição, mas sobrecomunicação e sobreconsumo, não repressão e negação, mas permissividade e afirmação o adoecem. Não a repressão, mas a depressão é o sinal patológico dos tempos de hoje. A depressão destrutiva não vem do outro, mas de dentro.
Sergio C. Fanjul	BYUNG-CHUL HAN: “O CELULAR É UM INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO. AGE COMO UM ROSÁRIO”	Sociedade do cansaço, Byung-Chul Han	El País Brasil	Reportagem / Entrevista	https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-	Byung-Chul Han aceitou esta entrevista como EL PAÍS, mas somente mediante um questionário por e-mail que foi respondido em alemão pelo filósofo e posteriormente traduzido e editado. Filósofo sul-coreano, uma das estrelas do pensamento atual, se aprofunda em sua cruzada contra os ‘smartphones’. Acredita que se transformaram em uma ferramenta de subjugação digital que cria

					como-um-rosario.html	viciados. Em uma entrevista exclusiva ao EL PAÍS, Han afirma que é preciso domar o capitalismo, humanizá-lo
Camila Braga Soares Pinto; Leandro Pinheiro Chevitar ese	VIRADA RITUAL E A ÉTICA DA ALTERIDADE EM BYUNG-CHUL HAN: A REINserÇÃO DA ARTE DA ATENÇÃO, DA ESCUTA E DO OLHAR NA VIDA EM COMUNIDADE	Virada ritual; ética da alteridade; arte da atenção, escuta e do olhar.	POIÉSIS - REVISTA DE FILOSOFIA – MONTE CLARO S, V.27, N.02, 2023.	Artigo	https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/article/view/7621/7255	Os rituais são ações simbólicas. Eles transmitem e representam valores e ordens que mantêm uma comunidade unida. São “técnicas de fechamento temporal”, visando permanência e vínculo e apresentam eixos de estabilização para a vida. Este trabalho discute as possibilidades de reinserção desta prática coletiva no âmbito de uma Sociedade do Desempenho.
Andréia Vieira Abdelnur Camargo	COMUNICAÇÃO COM COMUNIDADE: MOVER E SOAR PARA RECOBRAR O RITO	Corpo. Som e movimento. Ritual. Comunidade. Capitalismo digital	Rebento, São Paulo, no. 15, Jul-Dez 2021	Artigo	https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/699/431	Para o filósofo Byung-Chul Han (2020), enquanto a era da hipercomunicação digital produz um processo de comunicação sem comunidade, os rituais trazem a comunidade para o corpo.
Mirian Celeste Martins	MEDIAÇÃO CULTURALS E CONTAMINAÇÕES ESTÉTICAS	Mediação cultural, contaminação estética, arte, acesso cultural.	Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE), São Paulo/SP.	Artigo	Revista GEARTE, [S. l.], v. 1, n. 3, 2014. DOI: 10.22456/2357-9854.52575. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/52575 .	Mediação, uma palavra-valise, carregada de significações. Junte-se a ela outra palavra – cultura, e tem-se um baú de significações que perpassam por diversos conceitos e atuações.
Mirian Celeste Martins	O SENSÍVEL OLHAR-PENSANTE: PREMISSA	arte-educação; sistema simbólico;	UNESP	Artigo	https://www.mirianceleste.com.br/files/uqgd/7ee6db_b673	Na construção do conhecimento artístico/estético, o olhar, molhado pela cultura, pelo momento histórico pessoal e social, carregado de referências, é um instrumento não

	S PARA A CONSTRU ÇÃO DE UMA PEDAGOGI A DO OLHAR	language m; olhar; "pedago gia do olhar; leitura; percepç ão cognosci tiva			9a03e84a 4c9c9aaa4 fb534225 3e34.pdf	só perceptivo. O próprio pensar e o sentir refletem-se no olhar o mundo e no olhar o olhar do outro registrado pela arte.
--	---	---	--	--	--	---

O primeiro item da tabela, o TCC da Amanda de Arruda Gonçalves, egressa do curso de Artes Visuais da UFMS, influenciou este trabalho pela proximidade do tema de investigação. Ela investiga sobre a concepção de arte para os alunos do terceiro ano do ensino médio, analisando a legislação educacional, de 1971 a 2018. Ela também desenvolve um questionário com os alunos sobre arte.

O segundo é o livro *A Expulsão do Outro*, (Han, 2022), para falar como a pressão por super desempenho, superprodução, super comunicação gera cansaço, exaustão e auto erosão do indivíduo. Foi a partir desta referência que o trabalho se encaminhou para o conceito de "Sociedade do Cansaço", que trouxe para este trabalho a possibilidade de refletir o tempo contemporâneo em que todos nós de uma forma ou outra estamos inseridos.

A terceira referência é uma entrevista com Byung-Chul Han no site *El País* escrita por Sergio C. Fanjul, onde o autor Han fala sobre o celular ser um instrumento de subjugação digital que cria viciados. A leitura dessa entrevista foi direcionando as reflexões deste trabalho sobre o vício nas telas e criando relações com outros referência como o psicólogo norte-americano Adam Alter, que pesquisa há 15 anos sobre o vício tecnológico.

A quarta referência é um artigo de Camila Braga Soares Pinto e Leandro Pinheiro Chevitaresh, onde eles refletem sobre a virada ritual e a ética da alteridade, relacionando com o Byung-Chul Han, discutindo possibilidades de reinserção desta prática coletiva no âmbito de uma Sociedade do Desempenho.

A quinta referência é um artigo de Andréia Vieira Abdelnur Camargo, no qual ela também utiliza as ideias do autor Byung-Chul Han para analisar o processo de comunicação sem comunidade na sociedade contemporânea e a maneira como os rituais integram a comunidade ao corpo

A sexta e a sétima referências são artigos de Miriam Celeste Martins, autora que estudamos no Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte e Educação da UFMS, coordenado pela Profa. Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi, orientadora deste trabalho. Martins desenvolve os conceitos de contaminação estética e da sensível olhar pensante, que relacionei à possibilidade de a arte "contaminar" na era do cansaço. A ideia de contaminação estética (Martins) é especialmente interessante quando contraposta ao conceito do inferno do igual (Han, 2022), sugerindo que a sala de aula pode se tornar um espaço de contaminação estética da alteridade da vida, mediado pelo professor e pelos conteúdos de arte.

1. SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre a sociedade contemporânea, contextualizando tanto o potencial quanto os desafios da era tecnológica, utilizando principalmente o teórico Byung-Chul Han entre outros.

1.1 A Sociedade do Cansaço e a Estética do Liso

Para compreender melhor o público alvo que esta pesquisa investiga, se faz necessário analisar o contexto contemporâneo em que esses jovens estão inseridos. Entendendo que a sala de aula é reflexo das configurações histórico, social, biológico, ecológico e antropológico da sociedade. A influência da tecnologia e o excesso de informação se faz presente de forma decisiva em como percebemos nosso tempo nos dias de hoje.

Foi escolhido o conceito de sociedade do cansaço para abordar essas questões a partir da definição do autor Byung-Chul Han sobre a experiência contemporânea. Ele diz que ela está mais relacionada com um "... um excesso de positividade que resulta da superprodução, super desempenho, e supercomunicação." (HAN, 2015, p. 16).

Han explica em seu livro sobre a sociedade do cansaço que houve uma mudança de controle da sociedade moderna para a contemporânea, onde a primeira se baseia no cerceamento da liberdade e atualmente é justamente pelo contrário na sua promoção. Segundo ele:

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. (Foucault, 1988 apud Han, 2015, p.23)

Han diz que vivemos em um universo de excesso de informação, mas não necessariamente em relações de comunicação. A diferença entre informação e comunicação tem a ver que uma está relacionada a acontecimentos novos e a outra associada ao vínculo, ao compartilhamento e a comunhão. A comunicação nesse momento de promoção da liberdade, configura-se mais como uma transmissão de mensagens do que uma atividade humana de diálogo. E que esta última contempla a capacidade de romper a redoma de nós mesmos e buscar o outro, reconhecendo sua alteridade, sua diferença em relação a mim.

Na visão dele essa hipercomunicação não leva necessariamente a uma melhor comunicação e entendimento. Em vez disso resulta em superficialidade, dispersão de atenção e uma perda da capacidade de contemplação e reflexão profunda. A comunicação deixa de ser dialógica e significativa, tornando-se uma troca incessante de dados e informações muitas vezes irrelevante.

Conhecido por seus reconhecidos estudos sobre a sociedade contemporânea, intitulada por ele de “Sociedade do Cansaço”, Han fala também sobre o sujeito empreendedor-de-si que já não tem a possibilidade de dedicar atenção contemplativa às tarefas cotidianas. A velocidade é uma das engrenagens desta sociedade hiperativa ao mesmo tempo que é hiper passiva por não cultivar o pensamento. Na perda desse tempo sem trabalho, o autor reforça a perda da celebração, da festa, do belo e do divino no cotidiano e na política. O indivíduo se torna um “animal laboral” (Han,2015).

A modernidade atravessou muitas transformações de seus signos na sociedade deixando muitas marcas em sua trajetória histórica, marcando pelo espírito iluminista, a sociedade das letras com seu símbolo maior sendo o livro e seu universo de erudição e imaginação. Já na década de 50 a sociedade da imagem, com as tecnologias audiovisuais de informação e comunicação até chegar o momento atual, a sociedade dos bits com o sistema digital e as possibilidades de interatividade, horizontalidade e liberdade nas interações humanas. Nenhum dos três modelos tecnológicos de produção, transmissão e recepção de mensagens desapareceu, mas se somaram e permanecerão presentes o poder das letras e a sedução das imagens enquanto a humanidade existir. Como afirma Wurman:

A expansão da quantidade de informações produzidas no planeta é, de certo modo, sobrenatural. Para se ter uma ideia do rápido avanço da produção de informações na atualidade, em apenas uma edição semanal do The New York Times existe mais informação do que um homem comum poderia conhecer durante toda a sua vida na Inglaterra do século 17. (Wurman, 2014).

O advento da tecnologia trazia muita expectativa em relação à possibilidade de democratização da informação e a oportunidade de “dar voz a todos”. Nas últimas décadas vem se desenvolvendo a percepção de outras consequências que esses

avanços trouxeram. O problema do narcisismo exacerbado, as patologias psíquicas, a exaustão do indivíduo, e o apagamento das relações comunais na sociedade atual.

Uma sociedade cansada está constantemente mais propensa a adoecer e acometer-se a sintomas gerais do cansaço e do esgotamento mental. A sociedade do cansaço já existia antes da era digital, quando os sintomas já eram diagnosticados por conta do pensamento capitalista. Apesar disso, o contexto digital potencializou de forma exponencial a sociedade do cansaço e as multitarefas. (Chagas,2022)

Han fala sobre o sujeito do desempenho na sociedade do cansaço que não é submisso a ninguém, somente a si mesmo. O livro “Byung-Chul Han e a hipercomunicação. Diálogos da Comunicação” (2023) aborda essa questão:

A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que a liberdade e a coação coincidam. Assim o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. [...] O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas disso. (Han, 2017, p.29-30)

A modernidade líquida, conceito cunhado por Bauman (2021), descreve a sociedade contemporânea como um cenário de incertezas e transformações constantes, em contraste com a modernidade sólida, na qual valores e instituições eram mais fixos e previsíveis. Na modernidade líquida, a moeda corrente é a atenção, que se tornou um poder capaz de influenciar toda a sociedade. O problema é que essa atenção está cada vez mais atrelada à velocidade das novas informações, o que resulta na perda de valores profundos, dando lugar à superficialidade imediata.

Somos constantemente bombardeados por uma avalanche de informações novas a cada segundo, o que nos impede de processá-las adequadamente no pensamento, conduzindo-nos, como aponta Han, à exaustão. Embora tenhamos consciência das “regras do jogo moderno”, que nos conduzem ao adoecimento, o mercado e nossas relações sociais continuam a exigir de nós uma hiperprodutividade e rapidez no cotidiano.

Da psicopolítica, que faz com que as pessoas aceitem se render mansamente à sedução do sistema, ao desaparecimento do erotismo que Han credits ao narcisismo e exibicionismo atual, que proliferam, por exemplo, nas redes sociais: a obsessão por si mesmo faz com que os outros desapareçam e o mundo seja um reflexo de nossa pessoa. O pensador reivindica a recuperação do contato íntimo com a cotidianidade – de fato, é sabido que ele gosta de cultivar lentamente um jardim, trabalhos manuais, o silêncio. E se rebela contra “o desaparecimento dos rituais” que faz com que

a comunidade desapareça e que nos transformemos em indivíduos perdidos em sociedades doentes e cruéis. (Fanjul Apud. Han, 2021).

Han diferencia esperança de pensamento positivo, dizendo que essa segunda por se afastar da psicologia do sofrimento foca apenas no bem estar, na felicidade e no otimismo das pessoas. Ele revela que esse mecanismo simples de substituir pensamentos negativos por positivos, cria ilusões de que o mundo é e fornecerá o que quisermos graças à nossa atitude positiva. E o indivíduo então seria o único responsável por sua própria felicidade. O que não pode ser considerado verdadeiro porque o sofrimento é um fator condicionado pela sociedade. Ele alerta que esse culto à positividade isola as pessoas, torna-as egoístas e corrói a empatia. Ao se preocuparem apenas consigo mesmas não estão mais interessadas no sofrimento dos outros, prejudicando a solidariedade social:

O regime neoliberal é um regime de medo. Ele isola os seres humanos, transformando-os em empresários de si mesmos. A competição total e a pressão por desempenho corroem a comunidade. O isolamento gera medo. Medo do fracasso. Medo de não estar à altura. Medo de não ser capaz. E é justamente esse medo promovido que acaba aumentando a produtividade. (Teran. Apud Han, 2024).

Por outro lado, temos a experiência do uso de tecnologias digitais para aprender mais e melhor, em que Kenski diz:

Para Lyotard (1988 e 1993), um grande filósofo francês, o grande desafio da espécie humana na atualidade é a tecnologia. Segundo ele, a única chance que o homem tem para conseguir acompanhar o movimento do mundo é adaptar-se à complexidade que os avanços tecnológicos impõem a todos, indistintamente. Este é também o duplo desafio para a educação: adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios. (Kenski, 2012, p.18)

A expansão da produção e compartilhamento de conhecimento através da tecnologia é algo muito significativo. O alcance do conhecimento a mais pessoas e de forma global, de forma geral, contribuem para o desenvolvimento social e cultural dos países. Estamos rodeados pela tecnologia que melhora nossas vidas de diferentes formas.

O desenvolvimento científico e tecnológico, sobretudo da indústria eletroeletrônica, tem sido associado ao processo de globalização da economia. Estar fora dessa nova realidade social – chamada de Sociedade da Informação – é estar alijado das decisões e do movimento global da economia, das finanças, das políticas, das informações e interações com todo o mundo. A sociedade excluída do atual estágio de desenvolvimento

tecnológico está ameaçada de viver em estado permanente de dominação, subserviência e barbárie. (Kenski, 2012, p.64)

São muitos os benefícios que a tecnologia traz para a humanidade e mais específico para o estudo da arte, como por exemplo novas oportunidades para criação, divulgação e aprendizado. Elas expandem o acesso ao conhecimento e recursos, fomentam comunidades de aprendizagem e ajudam na promoção e comercialização da arte. Mas também apresentam os desafios do vício, superficialidade das interações, pressão para manter uma presença online constante, foco apenas nas técnicas e perda da conexão com a essência humana.

Tomar consciência das consequências que estão sendo percebidas depois de duas décadas de absorção massiva de informações através do celular e das redes sociais se torna imperativo. Han diz que toda essa positividade presente no estímulo à produtividade sem fim, "...o consumo e aceleração é tóxico e está na raiz de várias patologias" (Han, 2017), embora que cada pessoa vai lidar com isso de uma determinada maneira.

Os influencers por exemplo são a referência para os nativos digitais para a formação de opinião. Han diz que a necessidade de quantidade supera a obrigação de coerência e qualidade do conteúdo exposto por eles. Há muita linguagem, rapidez e pouco conteúdo. Atualmente é muito comum ver muitas dessas personalidades em depressão devido a projeção compulsória nas redes sociais, onde o eu está no centro e é uma mercadoria. Han chama de "esgotamento neuronal desse sujeito do desempenho em sua auto-coerção, ele colapsa interiormente" (Han,2017).

Através do meio digital tentamos nos aproximar do outro, mas o que acontece é o oposto. Tem mais distâncias do que proximidade desse outro. A perda da empatia é uma consequência. A dor do outro fica cada vez mais distante. A sociedade paliativa, outro conceito utilizado pelo (Han, 2021), diz que essa sociedade elimina a experiência do outro como dor. Nesse "tsunami informativo" ele diz que os nossos órgãos sensoriais são permanentemente estimulados e o smartphone torna tudo consumível e disponível, reduzindo tudo a dimensão da tela, um "analgésico digital" (Han,2021).

Ele critica como a hipercomunicação afeta a privacidade e a individualidade, expondo constantemente os indivíduos a um olhar público e transformando a vida

privada em espetáculo. Se tornando uma força desumanizante que pode fragmentar a experiência humana e a capacidade de conexão autêntica.

Outro conceito defendido por Han em seu livro “A Salvação do Belo” (2019), é a estética do liso, que é composta por uma superfície otimizada, de pura positividade e que extingue os seus contrários, que é a marca do presente segundo ele. Não há espaço para a dobra, a gordura, a mancha, a cicatriz. Ele diz que a riqueza e a magia do belo na arte é o seu velamento. A sua capacidade de se ocultar e de se metaforizar. Mas “o belo que escapa a essa estética do liso é o belo que resguarda uma negatividade suficiente para resistir, para não se diluir aos caprichos do consumo desmedido e sem cerimônia” (Han, 2019). Abaixo podemos ver as obras da artista contemporânea Cindy Sherman em sua série “Society Portraits”, 2008, refletindo sobre envelhecimento, padrões de beleza e as tensões culturais em torno da manutenção de uma aparência lisa, jovem e idealizada:

Figura 1: Cindy Sherman (americana, n. 1954) sem título 359, 2000.



Figura 2: Cindy Sherman (americana, n. 1954) sem título 465, 2008.



Figura 3: Cindy Sherman (americana, n. 1954) Sem título 474, 2008.



Figura 4: Cindy Sherman (americana, n. 1954) sem título 475, 2008.



Figura 5: Cindy Sherman (americana, n. 1954) sem título 475, 2008.



Figura 6: Cindy Sherman (americana, n. 1954) Sem título 475, 2008.



A negatividade é a força viva da vida. Ela forma também a essência do belo.” (Han, 2019). Esse belo interage com o outro e por isso estabelece um espaço de alteridade em que prevalece a diversidade. Não acontece a eliminação do distanciamento, típico do belo no digital, por isso “há prevalência do encontro, do reconhecimento do outro e da sua solidez e perenidade” (Han,2019). Han reflete que:

[...] a relação comunal poderia nos libertar da roda do hamster. Uma relação com o outro de deixar se estar confirmando sua alteridade. Uma recuperação do Eros que se caracteriza para além do desempenho e do poder. A experiência de sentir, e o logos e o eros caminharem de mãos dadas. A filosofia é a tradução do Eros em logos. Algo que não é simplesmente pensar e sim se permitir a sentir. (Han, 2012, p. 91).

O que acontece muito nas redes sociais é reação de descarga emocional afetiva que é diferente de uma elaboração e narratividade de um sentimento. “Nos falta a experiência do contraponto, da escuta, do diálogo, capacidade de sentir a dor do outro com a relação da alteridade.” (Han, 2022).

1.2 O Vício nas Telas

O vício em tecnologia é um tema cada vez mais relevante no contexto contemporâneo, especialmente diante dos impactos que dispositivos digitais e redes sociais exercem sobre a saúde mental e as dinâmicas sociais. Adam Alter, psicólogo e professor de marketing da New York University, tem se dedicado há mais de 15

anos a investigar esse fenômeno. Em seu livro *Irresistível: por que você é viciado em tecnologia e como lidar com isso* (2019), Alter explora como as empresas tecnológicas projetam deliberadamente produtos e plataformas para serem irresistíveis, ocultando sinais de parada e incentivando o uso prolongado, tudo em prol do lucro. Ele critica a falta de ética nesse design e defende que tanto reguladores quanto consumidores pressionem por mudanças para minimizar os efeitos nocivos, como ansiedade, depressão e baixa autoestima. Alter compara o vício em tecnologia a outros tipos de dependência, como drogas ou jogos de azar, e sugere soluções como boicotes conscientes e intervenções legislativas.

Byung-Chul Han, por sua vez, reflete sobre a compulsão por novidades e a superficialidade das experiências na sociedade atual, marcada pela velocidade da informação. Ele ressalta a importância da repetição consciente, exemplificando com sua paixão pela música clássica, onde a repetição permite atingir novos níveis de compreensão. Assim, tanto Alter quanto Han contribuem para a discussão sobre os impactos da tecnologia, destacando a necessidade de ações individuais e coletivas para lidar com os desafios impostos por esse contexto.

Os rituais possuem um fator de repetição, mas é uma repetição animada e vivificadora. Não tem nada a ver com a repetição burocrática-automática. Hoje em dia, procuramos constantemente novos estímulos, emoções e experiências, e esquecemos a arte da repetição. O novo se trivializa rapidamente e se torna rotina. É uma mercadoria que se consome e volta a inflamar o desejo de algo novo. Para escapar da rotina, do vazio, consumimos ainda mais novos estímulos, novas emoções e experiências. A sensação de vazio é precisamente a que ativa a comunicação e o consumo. A “vida intensa” que atua como reivindicação do neoliberalismo não é senão consumo intenso. Existem formas de repetição que criam autêntica intensidade. Encanta-me Bach. Já toquei mais de 10.000 vezes as árias das “Variações Goldberg”, e cada vez experimento uma felicidade. Pessoalmente, não preciso de nada novo. Encantam-me as repetições, os rituais da repetição. (Han, 2020.)

Adam Alter diz que as informações emocionais, como a raiva, envolvem e viajam muito mais rápido pela rede do que informações com fatos científicos e estudos mais aprofundados (Alter, 2019). Logo a tendência é a superficialidade dos assuntos. Segundo Isadora Pellegrini em uma entrevista com a psicóloga, Letícia Chagas, que estuda o assunto da sociedade do cansaço diz:

De acordo com a psicóloga, as pessoas estão condicionadas à busca pelo sucesso, seja qual for o custo. Para ela, vivemos em uma sociedade que faz crer que impor limites é um retrocesso e que as pessoas são capazes de alcançar tudo e que, para isso, só basta esforço. (Chagas2022).

A discussão sobre a regulação da internet no Brasil atravessa esse fenômeno que é a avalanche de informações que recebemos diariamente e o desafio de filtrar as informações falsas, principalmente as que disseminam violência, ataque à democracia e os direitos humanos. Educar o uso da tecnologia para interagir e participar socialmente de forma ética e criativa com o desafio de não se tornar submissos a ela. O Projeto de Lei das Fake News tem capítulo dedicado ao tema e a ideia é proteger infância e coibir disseminação de conteúdo de ódio que pode estimular violência nas escolas. No capítulo voltado às crianças e adolescentes, o relatório do PL das Fake News exige que as plataformas:

Aprimorem mecanismos de verificação etária; Disponibilizem o termo de uso e informações claras sobre seus serviços em português; Disponibilizem ferramentas de controle parental (a exemplo do que serviços de streaming e YouTube oferecem, o que permite uma filtragem prévia dos pais aos conteúdos); Disponibilizem espaço para notificação de abusos e busca por apoio dentro da plataforma; Façam relatórios de transparência com detalhes de como os conteúdos são moderados e qual o perfil dos usuários; Prevê esforços para que o Estado promova educação midiática nas escolas, em projetos que envolvam a União, Estados e municípios. (Isadora Rupp; Nexo, 2023).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) no relatório de 28/06/2021, sobre orientações com o uso da inteligência artificial, o vício na tecnologia já é considerado como doença. O trabalho compulsivo, o *jogo on e offline* e a utilização excessiva de redes sociais contam com quase 5 bilhões de usuários ativos em todo o mundo. Os danos negativos na saúde mental como distúrbios do sono, ansiedade, depressão, insatisfação corporal, solidão, medo, pressão, agressão, violência, podendo chegar as vias do suicídio. A maioria dos especialistas estão de acordo com uma nova ética da internet que estabeleça as bases para a convivência e garanta os direitos dos cidadãos digitais:

A inteligência artificial (IA) é uma grande promessa para melhorar a prestação de atenção à saúde e medicamentos em todo o mundo, mas apenas se a ética e os direitos humanos forem colocados no centro de seu desenho, implantação e uso, de acordo com as novas orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). (OPAS; 28/06/2021).

Segundo o documento da (OMS, 2021) a ética digital compreende o código social necessário para resolver os problemas que o uso massivo da internet está causando como: direitos de propriedade intelectual, ataques à segurança, limites à liberdade de expressão, regulamentação de grandes corporações, desconexão do trabalho, conduta nas redes sociais, a privacidade de nossos dados pessoais.

A questão do uso da tecnologia por crianças e adolescentes está sendo discutida globalmente por governos, organizações de saúde, instituições educacionais e entidades de proteção de crianças e jovens. Entre os principais atores está a União Europeia com regulamentações como o GDPR que inclui proteções específicas para menores; nos Estados Unidos discussões em torno da *Children's Online Privacy Protection Act* (COPPA) e novas propostas de legislação com restrições sendo introduzidas em estados como a Flórida; na China implementações de restrição rigorosas sobre o uso de jogos online por menores relacionados ao tempo de uso e exigência de verificação de identidade; OMS com publicações sobre os impactos da exposição prolongada a telas na saúde infantil; Organizações não-governamentais como MediaSmarts no Canadá e Common Sense Media nos EUA promovem a educação digital e segurança online:

A partir de julho deste ano deve entrar em vigor uma nova lei da Flórida que vai proibir menores de 16 anos de terem contas em redes sociais. Ela não é o primeiro estado dos EUA a propor tal medida legislativa, sendo o primeiro foi Utah, que aprovou uma lei mais leve, em março de 2023, que requer consentimento dos pais para o uso da mídia social por menores de 18 anos. E proíbe esse público de acessar a mídia social das 20h30 às 6h30. No rastro de Utah, vieram os estados de Ohio, Arkansas, Louisiana, Texas e Montana (que, particularmente, banuiu o TikTok no estado). Ao todo, 35 estados aprovaram ou prepararam suas próprias medidas legislativas para restringir o uso de mídias sociais por menores. (Melo, 2024.)

A regulação do uso da tecnologia também deve levar em conta uma questão crucial: a invisibilidade e a precarização dos trabalhadores que operam nos bastidores das inteligências artificiais (IAs). Esses profissionais, muitas vezes em condições vulneráveis, são responsáveis por tarefas fundamentais, como a moderação de conteúdo e o treinamento de sistemas de IA. Como destaca Botlhokwa Ranta, de 29 anos, ex-moderador de conteúdo da África do Sul, atualmente residente em Nairóbi, no Quênia: "Nós limpamos a bagunça para que todos os outros possam desfrutar de

um mundo on-line higienizado." Sua experiência reflete a realidade enfrentada por muitos trabalhadores, especialmente após o término de seu contrato com a empresa Sama, evidenciando a fragilidade e a falta de proteção que marcam essa atividade.

2. O SENTIDO DA ARTE

O capítulo 2 tem como objetivo investigar de que maneira as aulas de arte podem contribuir para a construção de sentido na vida dos alunos do ensino médio, especialmente no contexto da chamada Era do Cansaço (Han, 2017), marcada pelo hiperdesempenho e pelo vício em tecnologia. Para essa reflexão, recorreremos aos pensamentos de teóricos como Byung-Chul Han, João Francisco Duarte Jr., Miriam Celeste, Jorge Larrosa, entre outros. O foco está em compreender o papel da arte na aprendizagem humana, valorizando sua dimensão simbólica, que transcende a racionalidade, e explorando como essa perspectiva pode dialogar com os desafios da era tecnológica.

2.1 – A Dimensão Simbólica Da Arte

Porque o homem cria e se alimenta de Arte? A necessidade de dar significado e sentido à vida é algo que funda nossa cultura e nos faz existir enquanto seres humanos. Essa capacidade de simbolizar nossa vivência aprendida ao longo da nossa trajetória humana é o que nos faz existir para além da sobrevivência do mundo natural. Transformamos nossos sentimentos vivenciados na vida concreta em objetos do nosso pensamento, criando conceitos que dão um ordenamento e um sentido para nossa existência. Para além dos animais em sua adaptação ao meio, nós vamos além e refletimos, alargando nossa percepção dos elementos naturais, imaginando novas possibilidades, criando transformações no nosso contexto material.

O ser humano ao criar o mundo percebido através dos símbolos, numa estrutura significativa, cria a cultura que se preserva através da linguagem. “Inversamente aos animais, o meio é que deve adaptar-se ao homem; deve ser organizado com base em seus valores e significações”. (João Francisco Duarte Jr., 1988, p.50).

Logo, o homem e a cultura estão ligados desde o princípio, sem a possibilidade de um existir sem o outro. “A criação da cultura é, conseqüentemente, um ato da imaginação humana. É um ato de jogar com os dados do mundo material para construir uma ordem e um sentido.” (Duarte Jr., 1988, p.51).

Faz-se necessário diferenciar a especificidade da dimensão simbólica da razão em contraponto com a dimensão simbólica através da arte. Ambas ampliam a multidimensionalidade do ser humano enquanto existência e cultura, mas a primeira

possui uma função de apreender e comunicar significados objetivamente em palavras e conceitos, e a segunda busca uma vivência direta dos sentimentos através de formas específicas da linguagem artística, com o caráter ambíguo e aberto. Um exemplo é o ato da razão de conceituar um sentimento humano como angústia, mas a descrição da profundidade desse sentimento e a sua diferença em contextos outros, ela não alcança simbolizar. Para isso temos os símbolos estéticos que vão além da palavra e nos dão a possibilidade da vivência direta com a angústia expressada. Miriam Celeste reflete em seu livro “Teoria e Prática do Ensino de Arte: A Língua do Mundo” sobre o encontro com a obra de arte:

A obra de arte é um bloco de sensações, como nos diz Deleuze e Guattari (1992). O artista captura forças invisíveis que existem dobradas dentro da sensação. Ao mostrá-las, arte se faz fluxo de impressões, percepções, sensações. O encontro com uma materialidade - do artista com sua matéria de criação, do espectador frente a obra - provoca sensações que nos fazem entrar em contato com afetos muito intensos, impressos no corpo ou adormecidos. Experimentar a sensação inteira e a aceitar sua provocação é encarar a obra e sua materialidade como um signo a ser desvendado. (Martins, Picosque, Guerra, 2010, p.23)

A simbolização depende da vivência para compreendermos o sentido e significado empregado. Porém em seu percurso histórico a humanidade passa por um processo de valorizar mais os símbolos racionais do que a vivência do indivíduo, colocando-os em uma hierarquia de importância para o conhecimento. Como diz o psicólogo doutor em educação, João Francisco Duarte Junior:

Em certo sentido estamos vivendo uma civilização racionalista, na qual se pretende separar a razão dos sentimentos e das emoções, encontrando-se na primeira o valor máximo da vida. Ocorre que essa separação é ilusória. ... é somente com base nas vivências, no sentimento das situações, que o pensamento racional pode se dar. A razão é uma operação posterior à vivência (aos sentimentos). Vivenciar (sentir) e pensar estão indissoluvelmente ligados. (Duarte Jr, 2019, p.31)

Vivenciar experiências reais com nossos sentidos é essencial para que as simbolizações, tanto pela palavra quanto pelos próprios símbolos da arte, adquiram significado no mundo que percebemos. A vivência e os símbolos, sejam eles verbais ou visuais, são partes inseparáveis do processo de significação, como explica João

Francisco Duarte Jr.: "Ler, escrever e o conseqüente domínio teórico sobre o mundo era privilégio de classes dominantes. Observa-se, já nesse ponto, a separação entre o pensar e o fazer, entre aqueles que têm ideias e aqueles que as executam" (DUARTE JR., 2019, p. 32).

Na escola, por exemplo, aprendemos conceitos que muitas vezes carecem de conexão com nossas vivências, o que dificulta a compreensão do significado desses símbolos em nosso mundo. Esse distanciamento pode ser intencional, objetivando limitar a compreensão do processo de aprendizagem que, ao nos emancipar, integra nossos sentidos à capacidade pensante. Essa integração nos tornaria aptos a extrair significado das experiências, rompendo a separação histórica entre o fazer e o pensar, que historicamente reservava o domínio teórico às classes dominantes.

Aqui no Brasil temos a experiência de Paulo Freire (1921-1997) nascido em Recife, Pernambuco que impactou profundamente a educação e na luta pela justiça social em todo o mundo. Defendia a educação como uma ferramenta essencial para a emancipação e a transformação social que levasse os oprimidos a entender e transformar sua realidade. "A leitura de mundo precede a leitura da palavra." (Paulo Freire, 1989). Sobre a relação com o mundo através dos sentidos:

O certo é que nada foge aos cinco sentidos, pois são eles que nos possibilitam a acolhida das coisas do mundo ou de suas impressões óticas, acústicas, gustativas, olfativas, de temperatura, textura, volume, direção, entre tantas outras. São os cinco sentidos que podem, passo a passo, abrir para nós o nosso caminho pelo estésico. É pela apreensão estesia, pelo modo como nosso corpo é afetado e se deixa afetar que nossa sensibilidade é ativada. (Martins et al, 2010, p.23)

A aprendizagem através da experiência estética é como se fosse um filtro bem mais apurado dos sentimentos mais profundos, onde os conceitos não alcançam significar. Segundo João Francisco Duarte Jr. (2019), a arte concretiza sentimentos em formas expressivas, funcionando como um meio de acessar dimensões humanas que não podem ser traduzidas conceitualmente. Enquanto a linguagem fragmenta nosso encontro com o mundo em conceitos e relações que se dirigem à razão, a arte busca reviver o encontro original com as coisas, capturando-o em formas harmônicas. Por meio da experiência estética, é possível conhecer melhor nossas próprias experiências e sentimentos, que escapam à linearidade da linguagem. Nesse

contexto, ao entrar em sintonia com os sentimentos expressos em uma obra de arte, a atenção se volta para as emoções vividas, suspendendo a lógica da linguagem e possibilitando uma vivência direta dos sentimentos sem necessidade de traduzi-los em palavras.

A arte se torna uma aliada para compreender nossa vivência enquanto seres humanos e manifestada de diferentes formas, a depender da cultura de cada grupo. Através da dimensão simbólica própria da experiência estética, na escola os alunos podem vivenciar os sentidos de forma direta, sem se limitar somente pela linguagem.

Nessa sociedade racionalista não interessa que o ser humano se desenvolva de forma total, alcançando uma visão geral, do todo da vida. Cada vez mais a visão se torna setorizada, especializada no mundo. Nessa parcialização da visão do mundo, o sujeito sente, pensa e age de forma desconexa e sem coerência de sentido. É uma questão de dominação de um povo sobre outro que a visão do dominante deve prevalecer e que os privilégios dessa classe se mantenham inalterados.

Um dos males da sociedade atual é que a própria angústia da condição humana só pode ser sentida (ia quase dizer saboreada) por uns poucos. Esse tipo de angústia é hoje em dia um privilégio dos que dispõem do ócio. Precisa ser estendido a todos. (Fischer, 1982, p.10)

A estratégia de dominação na contemporaneidade, conforme observa Byung-Chul Han (2022), consiste em privatizar o sofrimento e a angústia, ocultando sua dimensão social e impedindo sua socialização e politização. Nesse contexto, conhecer uma cultura por meio da arte possibilita captar os sentimentos dessa cultura, mesmo para quem não pertence a ela. Isso permite ao indivíduo ampliar sua percepção da totalidade do mundo e de sua diversidade cultural, favorecendo uma consciência mais clara sobre as incoerências da hierarquia cultural imposta por influências colonizadoras. A arte, como expressa Duarte Junior (2019), reflete os sentimentos de um povo em determinado tempo e espaço, sendo um meio único de compreender a complexidade e a riqueza de uma sociedade.

Há que se considerar também os aspectos socioculturais da educação proporcionada pela arte, pois ela está sempre situada num contexto histórico e cultural. Por ela as culturas exprimem o seu “sentimento da época”, isto é, a forma como sentem a sua realidade, num dado momento. Aquilo que chamamos de “personalidade cultural”, encontra na arte um meio poderoso para se expressar e se tornar objetivo. O chamado “estilo” de um dado

período histórico, por exemplo, o barroco, o neoclássico, o impressionismo nada mais é do que a utilização de determinadas formas de expressão, de determinados códigos, pautados nesse sentimento da época. (Duarte Jr, 2019, p.70)

A obra de arte, ao longo da história da humanidade, conecta-nos diretamente à dimensão simbólica dos sentimentos, recordando-nos da totalidade que o ser humano já foi e pode sempre aspirar a ser, antes da cisão entre razão e emoção. Nesse processo, imaginação, razão e sentimento unem-se na busca pelo conhecimento da vida, enriquecendo tanto nossa expressão quanto nossa consciência cultural. Conforme observa Duarte Júnior (2019), “preso às coisas ‘como são’, o homem seria idêntico aos animais, que se adaptam ao meio, sem utopias e projetos transformadores” (p. 68).

No entanto, ao priorizarmos exclusivamente a simbolização racional para atender aos fins utilitários da sociedade industrial, perdemos a profundidade e a riqueza que compõem a totalidade da existência humana. Nessa condição, tornamo-nos semelhantes a animais que apenas se adaptam ao ambiente para sobreviver, sem transcender a mera sobrevivência rumo à plenitude de existir.

O desenvolvimento humano, no entanto, demonstra um desejo intrínseco de ir além de sua individualidade isolada. Em sua busca por sentido, o ser humano lança-se à interação com seus semelhantes, criando significados e multiplicando sentidos. Fischer, ao refletir sobre esse impulso natural, afirma:

E o que o homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias. (Fischer, 1982, p.13)

Durante a colonização cultural que nos foi imposta com o advento do capitalismo e a sociedade industrial, nossa fragmentação foi tamanha que de um lado perdemos nossa relação com a dimensão simbólica, brutalizando nossa vivência, e de outro viramos meros reprodutores de símbolos alheios ao nosso contexto. Perdemos a coesão entre nossa vivência e simbolização coletiva que nossos ancestrais tinham como prática em seus ritos e práticas culturais. Com o advento da tecnologia e a globalização, a complexidade aumentou, pois um país que já tinha sua

cultura fragmentada, em vez de se enriquecer com o intercâmbio cultural, se precariza ainda mais, correndo o risco de substituir uma pela outra, perdendo seu sentido singular.

A medida que a vida do homem se torna mais complexa e mecanizada, mais dividida em interesses e classes, mais “independente” da vida dos outros homens e, portanto, esquecida do espírito coletivo que completa uns homens nos outros, a função da arte é refundir esse homem, e torná-lo de novo são e incitá-lo à permanente escalada de si mesmo. (Fischer, 1982, p.8)

No primeiro capítulo descrevemos um pouco do conceito da sociedade do cansaço e seu sujeito do desempenho que vigoram na sociedade contemporânea. Han diz que devido a imposição de modo de vida individual, alienados uns aos outros, ficamos impedidos de acessar um sentimento coletivo da nossa vivência, nos isolando em nossa própria subjetividade e logo no nosso auto esgotamento. Sem o outro não existimos enquanto seres humanos.

Han reflete como a nossa relação com os celulares nos deu a ilusão de que relacionar com as telas substitui a relação com o mundo que tanto necessitamos para existirmos. “Relações são substituídas por conexões. A ausência de distância suprime a proximidade” (Byung-Chul Han, 2022, p.66):

Segundo Han a expulsão do outro totalmente diferente a mim provoca o inferno do igual. A relação com o mundo pela tela nos faz como turistas. “Não somos mais o homo doloris [homem da dor], que habita na dor. Turistas não têm nenhuma experiência que implique uma metamorfose, uma dor. Assim, eles permanecem iguais a si mesmos. Eles viajam pelo inferno do igual.” (Han, 2022, p.62). Sobre essa relação da proximidade e distância que formam a alteridade Han esclarece:

Está inscrita na proximidade, como sua contraparte dialética, a distância. A eliminação da distância não produz mais proximidade, mas a destrói. Em lugar da proximidade surge uma completa ausência de distância. Proximidade e distância estão completamente imbricadas uma na outra. Uma tensão dialética as mantém unidas. Ela consiste em que as coisas são animadas justamente por seu oposto, pelo outro de si mesmas. Falta, a uma mera positividade, como ausência de distância, essa força animadora. Assim, nem a ausência de distância nem o igual são vivazes. (Han, 2022, p.16):

Mesmo Han dizendo que o homem contemporâneo não habita mais na dor, porém ele diz que não estamos livres da angústia: “O inferno transparente do igual não é livre de angústia. Angustiante é, justamente, o cada vez mais forte murmúrio do igual. ” (Han, 2022, p.63)

O encontro com o outro totalmente diferente é definido por Han como um “Desastre Enriquecedor” (Han, 2019). Algo que nos acontece e nos faz esquecer um pouco de nós mesmos nos enriquecendo o horizonte de percepção do mundo. Porém é sempre um risco nos perdemos neste desastre. Uma linha tênue entre afogar em si e o exílio total de si. “A estética do desastre opõe-se à estética da complacência, na qual o sujeito goza de si mesmo. Ela é uma estética do acontecimento.” (Han, 2019) “O belo está localizado entre o desastre e a depressão, entre o horrível e o morto-vivo, entre adentrar do outro e petrificar-se em igual.” (Han, 2019). Abaixo trago algumas obras do artista Susano Correia retirados de seu livro “Para sempre, nunca mais”, 2021, que dialogam com essas reflexões:

Figura 7: Susano Correia, “Homem deitado no cansaço de ser”, Desenho, 2021.



Fonte: Susano Correia, 2021.

Figura 8: Susano Correia, “Homem de convicções, que topou numa incerteza”, Desenho, 2021.



Fonte: Susano Correia, 2021.

Figura 9: Susano Correia, “Homem pedindo licença para amar”, Desenho, 2021.



Fonte: Susano Correia, 2021.

A beleza da arte, principalmente nas reflexões contemporâneas está justamente no encontro da obra com o espectador, e mais além, na sua participação nela é que acontece o sentido da arte. “Poesia e arte estão [sempre] a caminho do outro. O desejo pelo outro é seu traço essencial.” (Byung-Chul Han, 2022, p.109). A

beleza da arte então acontece na experiência, na relação que tenho com a obra, com o outro.

“É tarefa do escritor metaforizar o mundo, ou seja, poetizar. Seu ponto de vista poético descobre ligações ocultas entre as coisas. A beleza é um acontecimento-relação.” (Han, 2019). Essa relação tem outro tempo diferente do tempo cotidiano acelerado e com excesso de informações. É necessário demorar mais com a informação para transformá-la em conhecimento sobre o mundo.

O estudo na universidade vai contra o movimento contemporâneo acelerado da sociedade ao demorar-se em conceitos e aprofundamento desvelando as relações que estão ocultas na superfície. Han diz que o conhecimento carrega transformação:

Conhecimento é redenção. Ela tem uma relação amorosa com o seu objeto como com o outro. Nisso, ele se distingue da mera familiaridade ou informação, a que falta inteiramente a dimensão do outro. Inere ao acontecimento uma negatividade, pois ele produz uma nova relação à realidade, um novo mundo, uma nova compreensão daquilo que é. Ele faz com que tudo apareça repentinamente sob uma nova luz. (Han, 2022, p.14)

A fase da adolescência geralmente é marcada por muitas transformações onde os jovens buscam encontrar suas diferenciações em relação à família de onde ele cresceu. Há uma ânsia muito grande por experimentar a vida, mas também pode haver muito medo construído por si, pelos pais ou outros que convivem, em relação aos perigos de se perder neste processo. E quando a gente ama alguém podemos querer proteger a pessoa de todos os perigos que pessoalmente nós podemos ter percebido na nossa trajetória pessoal. Então pode haver muitas projeções destas percepções, crenças religiosas baseadas em senso comum que podem estar no meio entre o aprendiz e a experiência. O processo da aprendizagem pode desvelar essas barreiras através de uma proposta de experiências significativas em arte.

O treinamento artístico é, portanto, a educação do sentimento, da mesma maneira como nossa educação escolar normal em matérias factuais e habilidades lógicas, tais como o “cálculo” matemático ou a simples argumentação, é a educação do pensamento. Poucas pessoas percebem que a verdadeira educação da emoção não é o “condicionamento” efetuado

pela aprovação e desaprovação social, mas o contato tácito, pessoal, iluminador, com símbolos de sentimento. (Langer, Duarte Jr, 2019, p.65, 66)

É no fazer, descobrindo enquadramentos, planos, linhas, formas, cores, materiais é que se vai sentindo o que conversa mais com o que quero expressar. Ou melhor, pode se descobrir o que se quer expressar que a princípio não tinha ideia. Navegando pela diversidade de intencionalidades artísticas podem ocorrer identificações e necessidade de experimentar mais de uma forma do que de outra. As preferências vão acontecendo e que coisa mais bonita ver um ser humano se descobrindo para si mesmo e se revelando, escolhendo se fazer visível para os outros. Desse processo pode se desdobrar infinitudes de sentidos para todos os envolvidos. Han sobre o belo:

O belo se mostra apenas ao longo olhar contemplativo. Onde o sujeito de ação se retira, onde o seu ímpeto cego pelo objeto é interrompido, as coisas recuperam a sua alteridade, o seu caráter de enigma, a sua estranheza, o seu segredo. (Han, 2022, p.106).

A experiência em si promove a absorção do saber por todos os sentidos para além do pensamento isolado. Um exemplo é quando estamos nos estágios e regemos aulas a quantidade de saber que se mostra através da reflexão de todos os nossos sentidos que estavam presentes. É como se o conhecimento voltasse para quem o lança, mas quando volta vem diferente. Vem com a experiência coletiva com todos os que estavam juntos na comunhão da sala de aula. Saber escutar essas reverberações é algo que pode auxiliar muito em como pensar os próximos encontros com a arte e os alunos.

O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência, é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (Larrosa Bondia, 2002, p.8)

Aproveitando a citação de Larrosa sobre a experiência, lembro de Han que reflete que em uma experiência está incluída a ética da alteridade do outro. Um espaço de comunhão inclusivo da totalidade do ser humano:

A negatividade do outro e da metamorfose constitui a experiência em sentido enfático. Ter uma experiência significa “que ela sucede conosco, que ela nos atinge, abate-se sobre nós, nos derruba e nos transforma. (Han, 2022, p.11)

Em contraponto Larrosa fala que a educação no mundo moderno vai a favor da individualização, da separação das pessoas. Ele se pergunta se a tecnologia une ou separa as pessoas. Ele diz que “[...] me parece que as tecnologias são interessantes e educativas se usadas para construir o que é comum. [...] as tecnologias são educativas quando unem e não quando separam; quando separam são outra coisa.” (Larrosa Bondía, 2013).

Muitas vezes chegamos na sala de aula e sentimos que o que falamos não chega no outro. Os celulares com informações diversas ganham toda a atenção do nosso aluno. Uma possibilidade sugerida por Han para enfrentar o tempo narcísico coletivo em que vivemos com essas características de aceleração, hiperatividade, hiperprodução, hiperconsumo, hipercomunicação é recuperar o sentido dos rituais como estabilizador temporal e a presença da alteridade nas relações. O conceito de ritual proposto pelo autor não necessariamente em uma dinâmica religiosa, e sim sendo investigada enquanto experiência relacional e comunal.

Neste contexto contemporâneo em que vivemos as aulas de Arte podem ser importantes instrumentos para reafirmar outros modos de existir. Han propõe para enfrentar esse tempo narcísico coletivo, a construção de experiências contemplativas com o tempo, os símbolos, com o outro e tecer narrativas baseada nos limiares da vida e na admiração do mundo. Características marcantes da Arte que busca promover um olhar pensante que desvela símbolos e significados humanos através do fruir e do fazer artístico.

O mundo digital é muito pobre de olhar e de voz. Contatos e conexões são produzidos sem olhar e sem voz. Nisso eles se distinguem de relações e encontros, que dependem da voz e do olhar. Sim, eles são experiências especiais de voz e de olhar. Eles são experiências corporais. O meio digital atua de modo descorporificante. Ele toma da voz a sua rispidez, a sua corporeidade; sim, a profundidade das cavidades, músculos, mucosas e cartilagens. A voz é alisada. Ela se torna transparente de significado. Ela se reduz inteiramente ao significado. Essa voz lisa, sem corpo e transparente, não seduz e não produz nenhum deleite. (Han, 2022, p.100)

Pensar as práticas pedagógicas valorizando estratégias de passar um tempo mais demorado com os símbolos, conceitos, com o outro no fazer artístico que tem continuidade para se aprofundar, mas que tem fechamentos em cada processo. A sensibilidade de escuta do professor é algo importante para absorver e registrar informações do ambiente da aula para avaliar os processos de aprendizagem e a necessidade de conduzir o processo coletivo.

A tarefa principal de um educador é fazer com que o mundo seja interessante. Nada mais do que isso. A arte é o que nos traz a carga sensível do mundo. A arte é o mundo como cor, como som, como textura, como rugosidade. (Larrosa Bondia, 2013)

As novas discussões pensando nos efeitos dessa opressão contemporânea, vem propondo uma consciência crítica em relação ao uso da tecnologia em geral. Lembrando quem está a serviço de quem, a tecnologia a nosso serviço ou nós a serviço dela? No caso dos jovens as limitações de uso como medida de saúde mental e emocional. A perda do desenvolvimento cognitivo relacionado à imaginação, criatividade e raciocínio é algo que reforçou essas medidas. Quem se beneficia de seres humanos totalmente dependentes da tecnologia?

Diante das visões “apocalípticas” sobre o futuro e os mecanismos de opressão cada vez mais sutis e eficientes, se faz necessário pensar no conceito de esperança, aquela de Paulo Freire, o “inérito viável”, que consiste na possibilidade de transcender a contingência, baseado, exclusivamente, em conteúdos informativos, e cultivando as capacidades de indignação e denúncia e na construção de projetos coletivos. Han em seu livro “O espírito da esperança”, 2024, fala sobre uma esperança radical, portadora do futuro e que surge da negatividade da crítica.

As raízes da esperança estão em algum lugar transcendente. É por isso que ter esperança não é o mesmo que estar satisfeito com o fato de as coisas estarem indo bem. É a capacidade de trabalhar por algo porque é bom, não porque é um sucesso garantido. É por isso que a esperança não é o mesmo que otimismo, não é a convicção de que algo vai dar certo, mas a certeza de que algo faz sentido, não importa como vai dar certo. Fazer algo que faz sentido, é isso que é esperança, não calcular o sucesso de um empreendimento. A esperança pressupõe coragem e fé. É o que nos dá força

para viver e tentar algo de novo e de novo, mesmo que as condições da experiência sejam desesperadoras. (Teran, 2024).

Han (2023), ressalta que a arte, por estar mais próxima do coração da criação, possui a capacidade única de evocar algo totalmente novo. Diferente da filosofia, a arte tem o potencial de revelar uma nova forma de vida, trazendo à tona novas realidades e modos de percepção. Essa proximidade com a essência criativa permite à arte transcender o cotidiano, conectando passado, presente e futuro, enquanto inspira transformações profundas na maneira como compreendemos e vivenciamos o mundo.

2.2 - A Arte no Ensino Médio

Este item tem como recorte o currículo do Ensino Médio Brasileiro (EMB) na disciplina de Arte. A proposta do Ensino Médio representa a etapa final da Educação Básica e um direito conquistado socialmente que beneficia todos os cidadãos brasileiros, cuja finalidade é a formação dos jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis. (BRASIL, 2018).

De acordo com o MEC, em 2019, 6,1% do total de jovens matriculados abandonaram a escola no Ensino Médio e 10,5% reprovaram. (BRASIL 2019.) Neste ano de 2024 foi aprovada pelo governo atual uma política pública intitulada “Pé de Meia” que concede um salário mínimo para os estudantes do Ensino Médio que permanecerem na escola. Os dados e tal medida reforçam a vulnerabilidade das classes populares em acessar o conhecimento científico e, quando conseguem, a permanência diante de tantas pressões sociais como a desigualdade material e a atual precarização do trabalho.

O acesso à educação gratuita no Brasil sempre teve como objetivo atender a demandas do mercado de trabalho e a sociedade industrial oferecendo uma formação com competências consideradas válidas para a lógica mercantil. Com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o acesso à educação se torna um direito fundamental, começa a se pensar uma educação que atenda não só competências e habilidades para a empregabilidade, mas também para o pleno desenvolvimento humano.

A disciplina de Arte, incluída dentro do currículo do Ensino Médio Brasileiro, também passou por muitas transformações, empregada em alguns períodos como meramente utilitária retirando o seu caráter crítico, reflexivo e emancipador. O foco era no desenho geométrico, no desenho de observação e centrado nas Belas Artes. É possível compreender essa trajetória a partir dos documentos como Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5.692/71, nº 9.394/96 e Lei nº 13.415/2017 e a Base Nacional Comum Curricular.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96 o Ensino Médio passa a ter objetivo formativo próprio abrangendo a cidadania, o aprimoramento do aluno como ser humano e a compreensão de fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos. (BRASIL, Artigo 35, 1996) Junto a essa Lei foram propostos referenciais teóricos para a elaboração dos currículos, sendo do (EM) os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), importante documento que começa a orientar o pensamento da arte na escola.

Há três alterações importantes na disciplina de Arte a partir deste período que se faz necessário mencionar. A obrigatoriedade da disciplina, intitulada na época de educação artística, o ensino de artes, a música, as artes plásticas e as artes cênicas na educação básica com o foco no desenvolvimento cultural dos alunos (Lei 9.394/1996); A obrigatoriedade da inclusão das questões regionais e as especificidades locais compondo o currículo (Lei 12.287 de 2010);

A proposta do novo Ensino Médio organizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, apesar de ser anunciado com discurso de grandes mudanças para a qualidade e autonomia do ensino, não apresenta muita novidade em relação a sua intencionalidade, reforçando um caráter economicista com o propósito de alinhamento com os princípios do capitalismo neoliberal vigente. Dentre seus principais focos está a retirada de investimentos financeiros, a supressão de carga horária para as disciplinas de humanas e a responsabilização individual dos alunos pelo seu sucesso ou fracasso, utilizando argumentos como autonomia para escolher e sujeitos empreendedores de si mesmo. Todos esses pontos contribuem ainda mais para a precariedade do ensino público, a desregulamentação da profissão docente, aprofundamento das desigualdades sociais, favorecendo a evasão desses alunos para trabalhos precários disponíveis na contemporaneidade como Uber e Ifood. A educação então não consegue atingir seu objetivo de formação crítica e

acaba por invisibilizar as reais causas dos problemas sociais que temos hoje, fruto das falhas do sistema vigente.

Referente às alterações em específico sobre ensino de Arte há um ponto importante a ser observado que têm gerado preocupação por parte dos educadores quanto a possível retrocesso em conquistas já garantidas na LDB de 1996. A retirada do conceito de disciplinas do currículo do Ensino Médio, isto é, as competências específicas de cada área (Arte, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física), e substituindo por eixo formativo, sendo a Arte inserida no eixo de Linguagens e suas Tecnologias, junto com as demais disciplinas citadas. Fato que fragiliza o ensino de arte como campo de conhecimento específico e deixa nas mãos da escola decidir se irá contratar um docente formado em Arte ou em Língua Portuguesa, Língua Estrangeira ou Educação Física. A LDB fala da obrigatoriedade do ensino de Arte, mas ela não diz que o conteúdo deverá ser ministrado apenas por profissionais licenciados na área, o que gera muitas incertezas.

Sobre o problema do reforço dos termos empreendedorismo e projeto de vida com a justificativa de ser uma possibilidade de autonomia dos alunos em sua própria formação, revela na verdade um cruel abandono do Estado em sua responsabilidade com a formação humana e de qualidade a esses jovens. É como dizer que a realidade histórica de desigualdade material da sociedade pudesse ser superada apenas pela vontade e valores morais dos indivíduos. A longo prazo essa ilusão provocaria uma angústia social com sentimento de frustração, negação e ódio generalizado entre esses jovens consistindo a vagar entre o não-emprego sistemático e a realização de ocupações indignas, e que os levaria a um encontro com sentimentos autoritário podendo facilitar a adesão de ideais fascistas, como anti-ciência e anti-democracia.

Diante desse contexto se faz necessário defender a importância histórica da formação humana em nossa sociedade, desvinculada das intencionalidades neoliberais, em específico a preservação e ampliação do ensino/aprendizagem em Arte como área de conhecimento próprio no contexto da educação básica. A promoção da consciência crítica diante dos conteúdos curriculares e os direitos fundamentais do ser humano e a luta por uma vida digna. Também se faz necessário o fortalecimento da alteridade e a tolerância ao diferente e questionar os valores impostos pelo sistema vigente de meritocracia, individualidade e competitividade. Diante desse grande desafio na construção de um currículo que atenda as

necessidades fundamentais dos alunos na contemporaneidade, cito a fala de Sulamita Inácio Freire:

Um currículo que afeta ao permitir-se afetar, abrindo espaço para encontrar-se com o que abala. Um currículo possível no abraço à sua própria impossibilidade e diante dela impossível de nomear, traduzir ou capturar. Um currículo que não se esquivava dos desafios, respondendo-os ética e responsabilmente e que, assim como esse texto, (des)constrói-se e acontece no acidente, delinea-se nas rachaduras e na abertura ao que delas emerge. (Freire, 2023, p.5)

Outra medida que prejudica muito o ensino de Arte é a exclusão dos livros específicos de Arte no Edital do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD 2021). Tal medida deixa a critério do professor(a) a escolha dos conteúdos a serem ensinados, o que pode ser positivo se o docente tiver formação específica, mas como não há tal obrigatoriedade, a tendência é ter uma queda de qualidade do ensino de Arte como conhecimento.

É possível perceber que o pensamento neoliberal imposto faz parte de um projeto global muito eficaz em suas estratégias, principalmente com o advento do controle através da tecnologia. A desvalorização do ensino de Arte na normatização imposta pela BNCC, só reflete mais uma dessas estratégias do mercado global sobre a população mundial. O valor da vida humana, assim como da natureza, se encontra em crise diante de um sistema predatório que prioriza acima de tudo o capital.

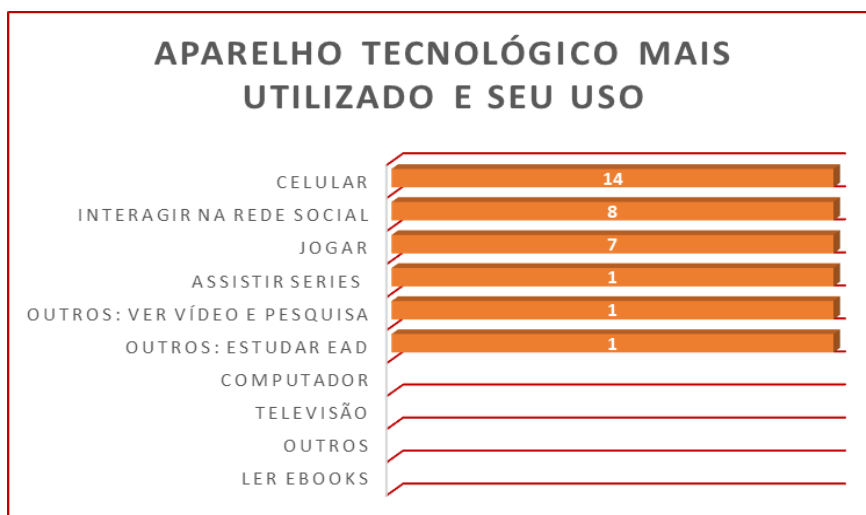
No ponto em que diz que a mudança do currículo possibilita mais autonomia do aluno em escolher que área gostaria de desenvolver mais, mostra a incoerência de se querer que jovens imersos nesta sociedade hiper comunicativa, cheia de opções, saibam escolher o que eles necessitam para seu desenvolvimento para vida. O processo pedagógico existe justamente para promover experimentações onde o aprendiz vai descobrindo o que ele necessita ou não para seu amadurecimento pleno. É necessário um profissional específico de cada área que o guie nesta travessia de reconhecer identidades e percepção do outro nesta convivência. Byung-Chul Han fala que não é possível criar amizades e vínculos em um ambiente que promove a competição e a individualidade (Han, 2015). E só existimos através do reconhecimento mútuo com outros seres humanos. É uma violência muito grande diante desse contexto pedirmos aos nossos alunos que saibam o que escolher. A liberdade de opções se torna uma opressão.

3. QUESTIONÁRIO, PLANO DE AULA E RESULTADOS OBTIDOS.

Este capítulo tem como objetivo analisar os dados coletados de alunos de uma turma do 2º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino, localizada em Campo Grande/MS, para a pesquisa de TCC intitulada “O Sentido da Arte na Era do Cansaço em uma Turma do Ensino Médio”.

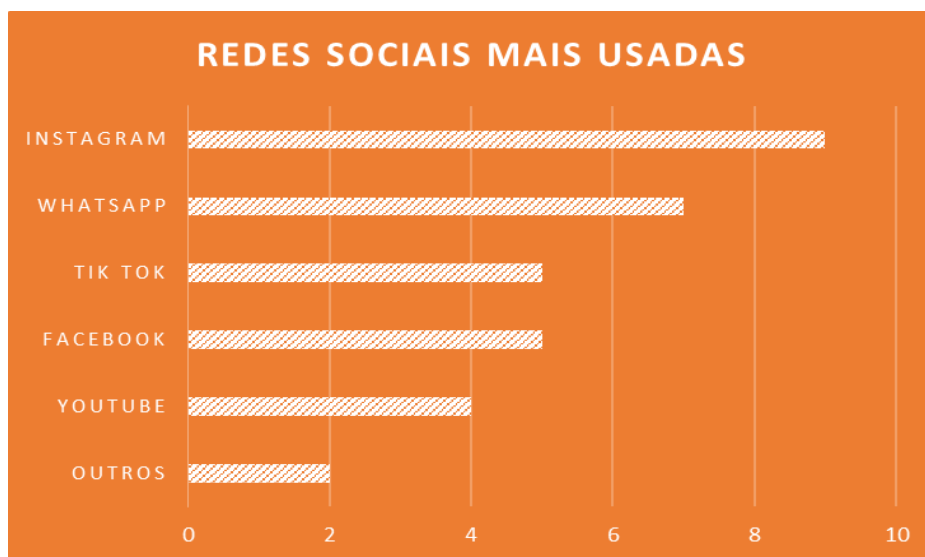
Das 16 perguntas do questionário, foi desenvolvido 7 gráficos com o seguinte tratamento: Aparelho tecnológico mais utilizado e seu uso; redes sociais mais usadas; visita a exposições e participação em práticas artísticas fora da escola; linguagens mais citadas de artes visuais; uso de referências, conteúdos e aplicativos online relacionados a arte; jogo online mais usado e seus atrativos; benefícios e prejuízos com o uso do celular.

Tabela 1: Aparelho tecnológico mais utilizado e seu uso.



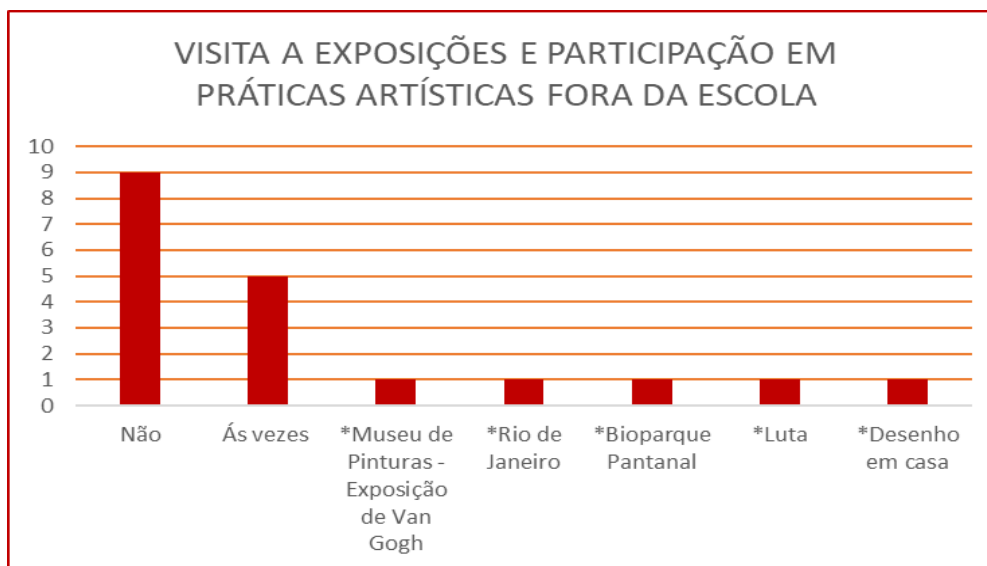
No primeiro gráfico pode-se observar que o aparelho tecnológico mais utilizado por todos os alunos é o celular. Oito alunos utilizam mais para interagir nas redes sociais, sete para jogar e três marcaram outros, sendo assistir séries, estudo EAD e pesquisas. O segundo gráfico trata das redes sociais mais usadas, podemos perceber que o Instagram lidera o maior uso, sendo seguido por *Whatsapp*, *Tik Tok*, *Facebook* e *Youtube*. Esses resultados reforçam a ideia de como o celular se tornou nesta última década muito presente no cotidiano da sociedade, principalmente na vida dos adolescentes. E sua atenção, na maior parte, está sendo consumida em redes sociais, mais especificamente *Instagram*, e jogos online.

Tabela 2: Redes sociais mais usadas.



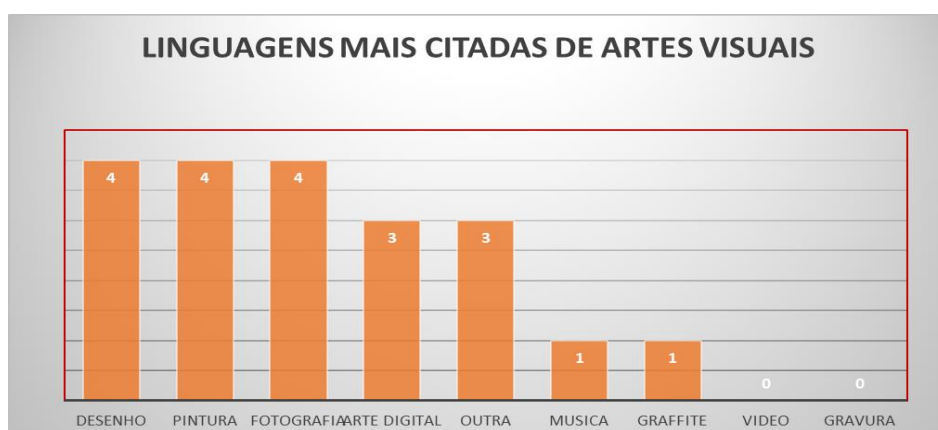
O terceiro gráfico com o tema “Visita a exposições e participação em práticas artísticas fora da escola”, nove alunos não frequentam, cinco às vezes, três visitaram exposições específicas sendo elas: Exposição do Van Gogh, Exposição no Rio de Janeiro, Exposição no Bioparque Pantanal. Um aluno coloca que pratica luta e outro que desenha em casa. Podemos perceber que a maioria desta turma, a aula de arte é a única experiência estética destes alunos, reforçando a importância da Arte na escola proporcionando outras relações com o mundo.

Tabela 3: Visita a exposições e participação em práticas artísticas fora da escola.



O quarto gráfico a seguir, trata das linguagens mais citadas de artes visuais e o uso de referências, conteúdos e aplicativos online relacionados a arte. Desenho, pintura, fotografia, arte digital e grafite são as linguagens em que os alunos mais se identificam. O quinto gráfico demonstra se os alunos usam o celular para pesquisar arte, onze responderam que às vezes, dez utilizam o aplicativo Pinterest e seis o Canva, oito disseram que não seguem nenhum artista e dois que nunca pesquisam. As referências citadas são: Maria Macedo, Mestre do Celular, Virginia, @ GB.AIC1, @ rabiscoeasy, Ibis Paint, @ jazmineplays77, Artista grafiteiro, caderno.

Tabela 4: Linguagens mais citadas de artes visuais.



O gráfico a seguir apresenta os resultados de uma questão sobre o uso de referências, conteúdos e aplicativos online relacionados à arte por alunos de uma turma do 2º ano do Ensino Médio. Que nos aponto o seguinte:

O Pinterest é a plataforma mais citada, com 10 respostas, o que sugere que muitos alunos recorrem a ela para buscar inspirações e referências artísticas. Essa ferramenta visual tem se tornado cada vez mais popular entre jovens, provavelmente devido à sua interface intuitiva e ao vasto acervo de imagens relacionadas a diferentes áreas da arte. O Canva também aparece com uma frequência considerável (8 respostas), indicando que uma parte dos alunos utiliza a plataforma para criar ou modificar conteúdos visuais. Isso demonstra o interesse crescente em ferramentas de design gráfico acessíveis, especialmente aquelas que permitem criar facilmente composições visuais.

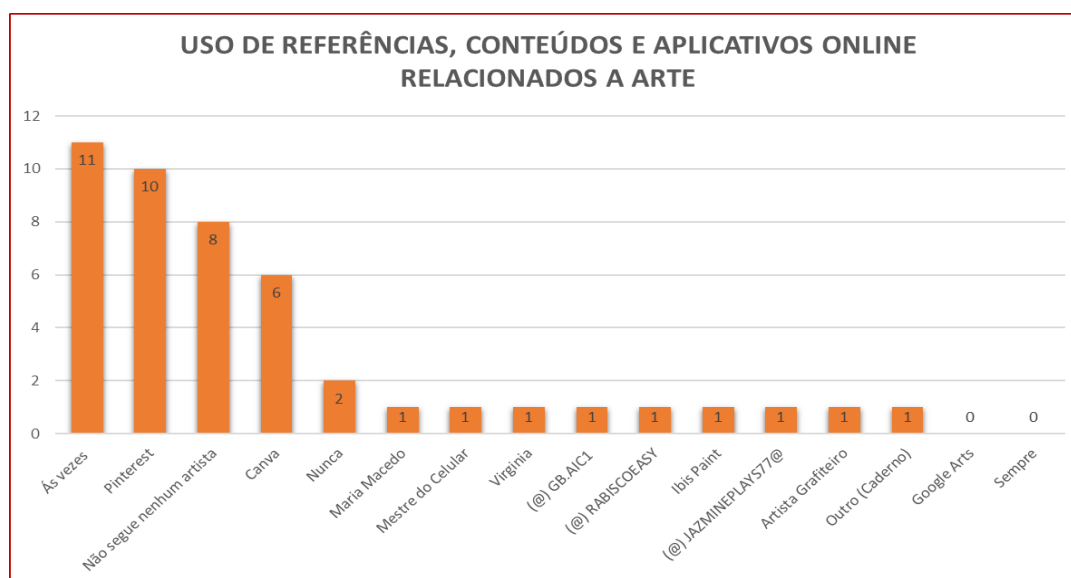
A resposta "Não segue nenhum artista" aparece com 10 marcações, o que pode indicar que muitos alunos não possuem um interesse específico por artistas ou referências individuais. Isso pode ser interpretado como um sinal de que a busca por

arte online está mais orientada a tendências e imagens genéricas do que a uma imersão mais profunda no trabalho de artistas específicos.

As respostas associadas a plataformas ou aplicativos menos conhecidos (como "Mestre de Celular", "Ibis Paint", "Google Arts") têm uma frequência muito baixa. Isso pode sugerir que, apesar de existirem várias opções, os alunos preferem plataformas mais populares e amplamente reconhecidas para consumir ou criar conteúdo artístico.

O número reduzido de respostas indicando o uso de "Artista Gráfico" ou "Caderno" pode refletir uma falta de vínculo com os métodos tradicionais de apreciação ou criação de arte. Isso poderia ser um ponto de reflexão sobre como os alunos estão se distanciando das abordagens mais tradicionais da arte em favor de plataformas digitais mais acessíveis.

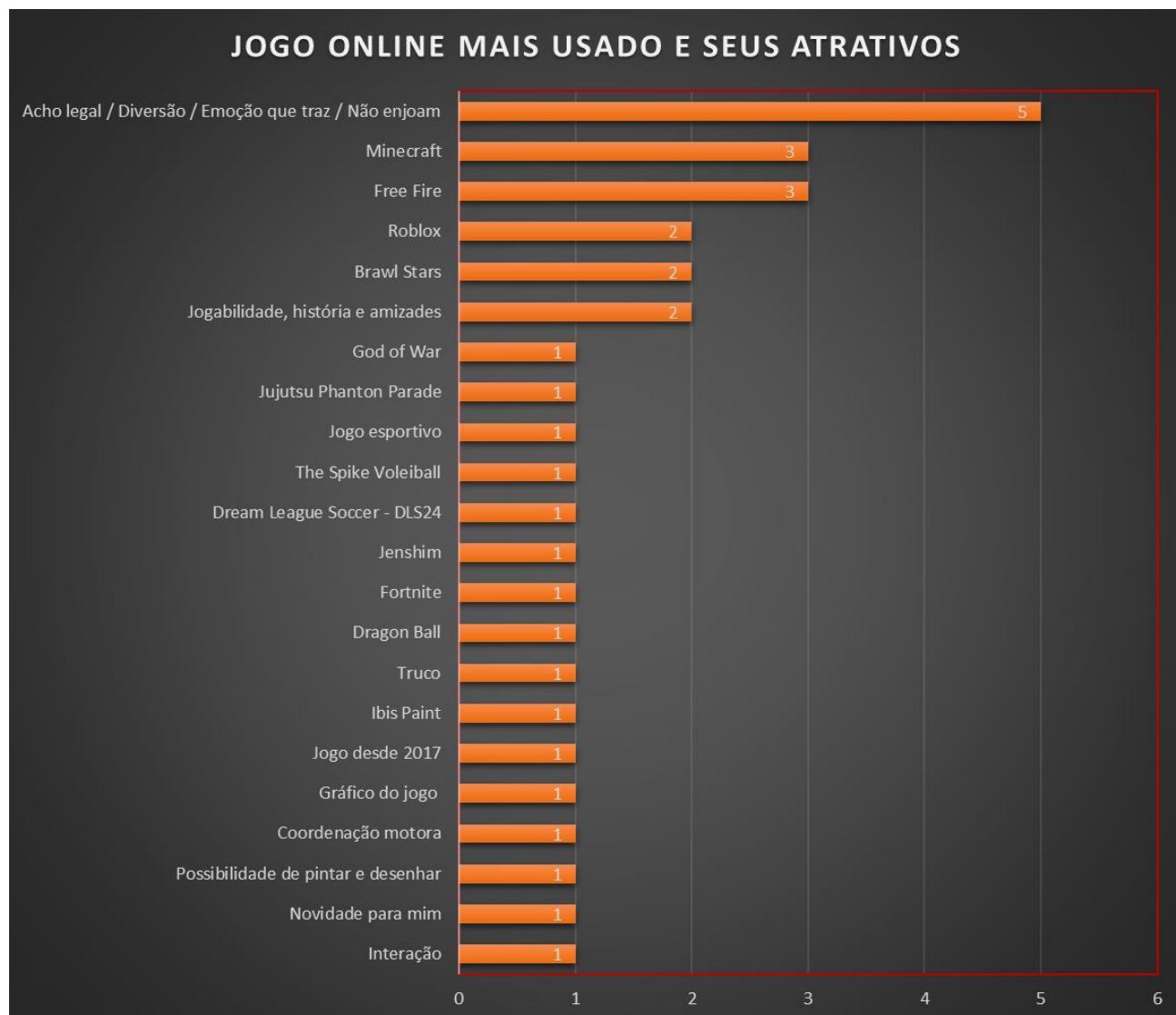
Tabela 5: Aparelho tecnológico mais utilizado e seu uso.



Na Sequência, o sexto gráfico trata do jogo online mais usado e seus atrativos, podemos perceber que Minecraft e Free Fire lideram na preferência e as características que os atraem aos jogos é a emoção que traz, a jogabilidade, a história e as amizades. Foi citado também, em menor quantidade, a interação, o gráfico do jogo, a possibilidade de desenhar e pintar, coordenação motora, tempo de jogo;

A partir das reflexões de Byung-Chul Han sobre o desencontro com o mundo concreto, talvez os jogos estejam ocupando o vazio deixado por esse desencontro, na tentativa de recuperar o enriquecimento do outro. No gráfico cinco percebemos que todos os alunos jogam e tem um jogo preferido que mais usam. Percebemos na sala de aula em muitos momentos dois ou três alunos jogando com o celular.

Tabela 6: Jogo online mais usado e seus atrativos.



O gráfico sete trata dos benefícios e prejuízos percebidos pelos alunos no uso do celular. Oito alunos dizem que provoca cansaço; seis já afirmam que não, pois depende do uso; três afirmam que prejudica o sono, pois utilizam na madrugada; dois

disseram que é prejudicial porque desfoca do estudo e passam mais tempo na rede social; um afirma que causa pouco cansaço.

Tabela 7: Benefícios e prejuízos com o uso do celular.

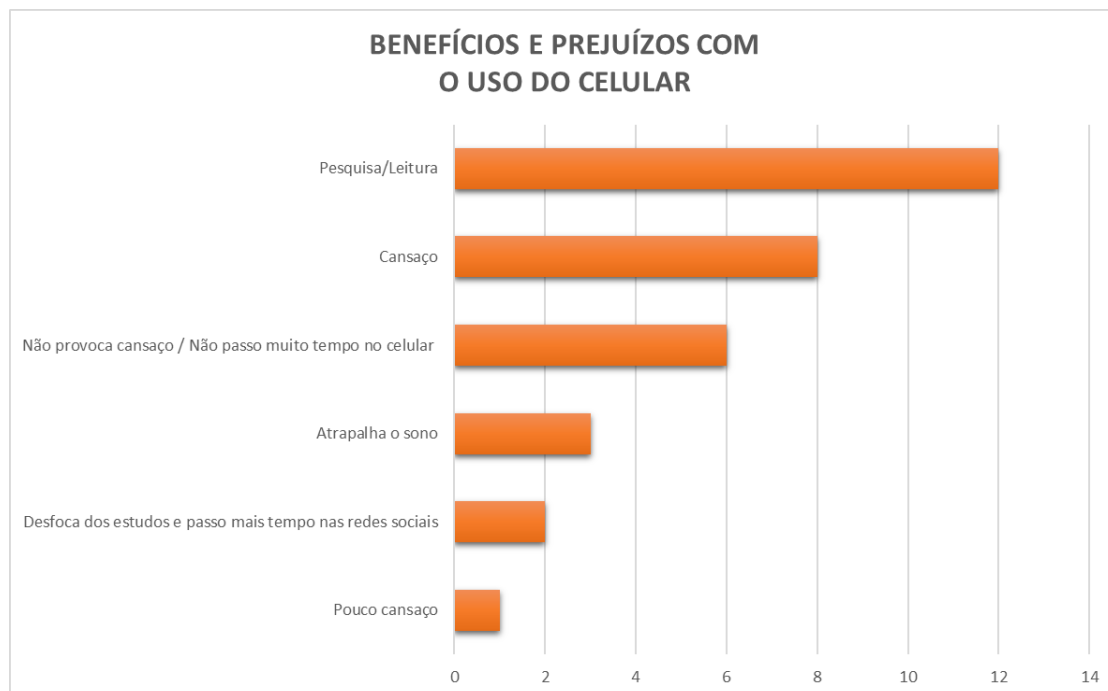
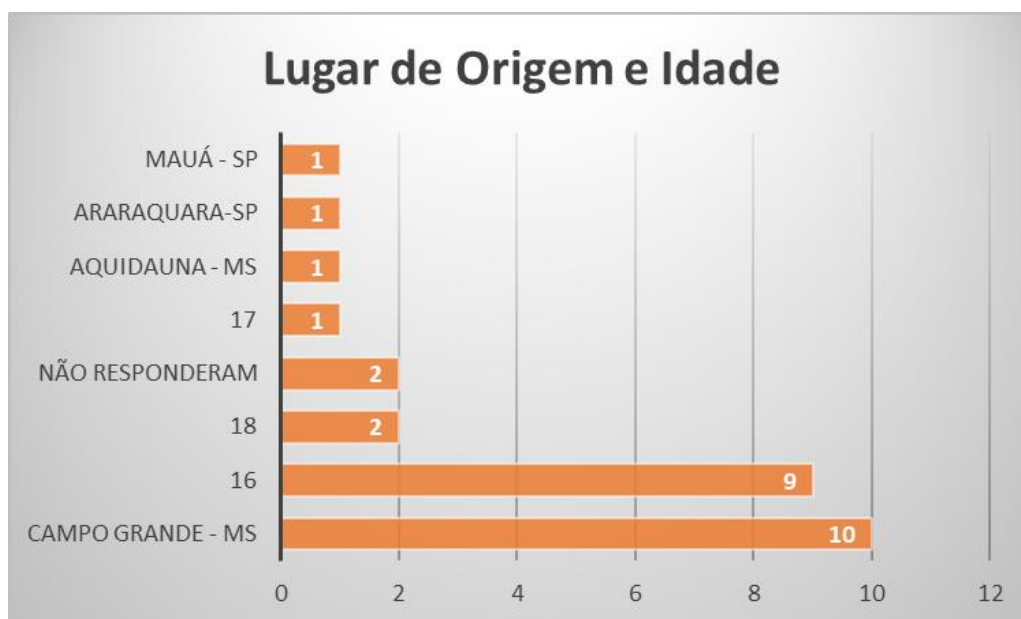


Tabela 8: Lugar de origem e idade.



O gráfico oito trata da naturalidade e idade dos alunos pesquisados. A maior parte da turma é nascida em Campo Grande e têm dezesseis anos de idade. Dois alunos são do interior de SP e um aluno do interior de MS. Dois alunos já são maiores de dezoito anos e um de dezessete.

3.1 Análises e proposições a partir dos resultados obtidos

A análise da experiência realizada com a turma do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Maria Rita de Cássia Pontes Teixeira revela a necessidade urgente de incluir a arte como prática reflexiva na escola, especialmente em um contexto onde a presença das telas e das tecnologias digitais está cada vez mais dominante. O plano de aula abordou a temática do Abstracionismo, utilizando a obra de Piet Mondrian para introduzir os alunos ao conceito de abstração geométrica. A proposta era estimular a percepção e a reflexão sobre as diferentes formas de arte, ligando-as ao cotidiano e incentivando os alunos a sair do ambiente digital para interagir com o mundo real.

A escolha do abstracionismo geométrico, em vez do abstracionismo lírico, esteve voltada para a ideia de permitir que os alunos compreendessem o processo de abstração de forma gradual e prática. O excesso de liberdade proporcionado pelas tecnologias digitais, que muitas vezes gera uma massificação das experiências, pode levar à falta de reflexão profunda sobre o que se consome. Nesse sentido, o exercício propôs um retorno à concretude do espaço da escola, estimulando os alunos a abstraírem as imagens do cotidiano e perceberem as formas e as cores ao seu redor.

Ao longo das aulas, foi possível observar o processo cognitivo dos alunos, no qual habilidades como atenção, percepção, raciocínio, imaginação e criatividade foram trabalhadas. O uso inicial do celular, com a busca de imagens figurativas para abstração, gradualmente deu lugar a atividades mais concretas, como o desenho cego com objetos e pessoas reais, o que ampliou a percepção sensível dos alunos e os ajudou a se desconectar da abstração digital para se conectarem com o mundo físico. Essa transição reflete o que Byung-Chul Han descreve sobre o uso da tecnologia e o impacto da comunicação unidirecional, que empobrece a experiência humana ao impedir a troca rica e profunda que a arte, como vivência e percepção do outro, proporciona.

A reflexão final, quando os alunos analisaram suas produções e discutiram se poderiam considerar suas obras como abstratas, foi uma oportunidade para considerar a evolução de suas capacidades cognitivas. Eles começaram a perceber as etapas do processo de abstração e a se aproximar da forma de pensamento dos Neoplasticistas, que buscavam reduzir a realidade à sua essência mais pura. Mais do que um exercício de fruição estética, o processo de abstração trouxe benefícios amplos para a formação dos alunos, estimulando sua capacidade de observar o mundo de forma mais atenta e crítica.

Esse tipo de abordagem é essencial em uma escola que atende a uma comunidade de classe média-baixa, com estudantes que, em sua maioria, são da cidade de Campo Grande/MS, e que, muitas vezes, carecem de estímulos para uma reflexão mais profunda sobre o mundo. A convivência e o trabalho coletivo nas turmas, além de favorecerem a socialização, ajudaram a promover uma troca significativa de percepções. Como observa Han, a experiência estética e a convivência com o outro são fundamentais para a construção de uma percepção mais enriquecedora da existência. Ao contrário das telas, que muitas vezes limitam a troca e reduzem a experiência a um consumo passivo, a arte proporciona a oportunidade de "desastres enriquecedores", nos quais o encontro com o outro nos provoca e nos transforma.

O pensamento de Ailton Krenak também complementa essa reflexão ao nos lembrar da necessidade de olhar para dentro de nós mesmos e para a vivência com o outro de forma humanizadora e transformadora. O desafio de "colonizar" as partes inexploradas de nós mesmos, como propõe Krenak, passa pela capacidade de experimentar o mundo de forma mais profunda e integral, o que a arte, na sua prática cotidiana e reflexiva, pode proporcionar. Assim, a presença da arte na escola se torna não apenas uma necessidade para o desenvolvimento cognitivo e sensível dos alunos, mas também uma forma de humanização, que se opõe à alienação provocada pelo consumo passivo das imagens digitais e pela falta de reflexão sobre o mundo e suas múltiplas realidades.

CONSIDERAÇÕES

As considerações finais deste trabalho apontam para a complexa relação entre o uso das tecnologias, especialmente os smartphones, e o impacto que essas ferramentas têm na vida cotidiana, particularmente no desenvolvimento dos jovens. O celular, uma invenção tecnológica que, à primeira vista, enriquece multidimensionalmente os indivíduos, também possui um lado obscuro. Ele se apresenta como um instrumento que, ao mesmo tempo, anestesia o corpo e fragmenta a atenção, configurando-se como um mecanismo eficiente de opressão na sociedade do cansaço contemporânea. Este fenômeno é intensificado pelo bombardeio constante de informações e pelas plataformas projetadas para manter os usuários engajados sem pausa. Como resultado, observa-se uma crescente perda da capacidade de contemplação, de reflexão profunda e do desenvolvimento do pensamento abstrato entre os jovens. Além disso, o vício nas telas e a superficialidade das interações sociais, muitas vezes limitadas ao mundo virtual, afetam de maneira significativa a qualidade das relações humanas e a capacidade de conexão genuína com o mundo e com o outro.

Nesse contexto, a arte emerge como uma manifestação concreta da beleza e do sensível, com uma força transformadora que a torna um antídoto potente contra os efeitos limitantes da sociedade atual. Ao se apresentar como uma experiência estética que nunca pode ser totalmente capturada ou assimilada, a arte provoca encontros que nos atravessam e nos transformam. Em um cenário marcado pelo vício tecnológico e pela busca incessante por estímulos rápidos e superficiais, a arte se apresenta como um campo de resistência e reflexão, capaz de desafiar a lógica do “inferno do igual” descrita por Byung-Chul Han. O filósofo aponta que, em grande parte das interações digitais, a informação do outro é recebida sem a troca transformadora que caracterizaria uma experiência autêntica. A diversidade promovida pelas plataformas digitais, portanto, muitas vezes é vazia de alteridade, tornando-se uma repetição sem profundidade, sem transformação.

A arte, como resistência à estética “lisa” e homogeneizadora das telas, abre um caminho para a ruptura dessa lógica, oferecendo uma nova possibilidade de encontro que vai além do igual e do superficial. Para Han, a arte tem o poder de

integrar sentidos e significados de forma mais profunda, estimulando uma vivência mais rica e sensível. Esse potencial da arte para a ruptura é um convite para que a sociedade contemporânea se reconecte com suas próprias dimensões sensoriais e emocionais, afastando-se da alienação promovida pela cultura digital de consumo rápido e imediato.

Diante desse cenário, torna-se urgente a necessidade de refletir criticamente sobre o uso das tecnologias e de desenvolver formas de resistência que permitam ao indivíduo não apenas explorar as potencialidades dessas ferramentas, mas também identificar e compreender seus mecanismos de opressão. O neoliberalismo contemporâneo, com seus sofisticados mecanismos de controle, busca tornar o homem mais eficiente e produtivo, mas ao custo de sua autonomia e humanidade. Nesse sentido, a crítica ao uso indiscriminado das tecnologias se torna um passo essencial para a criação de um espaço de reflexão mais profundo e consciente, onde o sujeito não seja submisso ao sistema, mas atue de forma crítica e construtiva.

A arte, nesse contexto, surge como um verdadeiro antídoto para o tempo atomizado e narcísico imposto pelo projeto neoliberal. Ela nos retira do "si mesmo" e nos lança para o tempo compartilhado com o outro, abrindo um espaço para a experiência sensorial e a contemplação. A arte resgata a capacidade de concentração e atenção, trabalha a humanização e a elevação estética, e nos ensina a valorizar o peso da alteridade. Em contraste com as telas, que muitas vezes promovem a alienação e a passividade, a arte se coloca como um espaço de resistência, capaz de gerar subjetividades mais críticas e resistivas, que contraponham a superficialidade e a fragmentação do mundo digital. Assim, a arte se torna uma ferramenta essencial não só para o desenvolvimento individual, mas também para a construção de uma sociedade mais atenta, mais humana e mais profundamente conectada com a alteridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Adam (2018). **Irresistível: por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva.

Adio Dinika; Outras Palavras; 23/10/2024; <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/viagem-aosporoes-da-inteligencia-artificial/>; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

André Biernath; BBC News Brasil em Londres; 24/01/2022; <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60853962.amp>; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

Bondía, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, p. 20-28, 2002.

CAMARGO, Andreia Vieira Abdelnur. **Comunicação com comunidade: mover e soar para recobrar o rito**. Rebenito, n. 15, p. 90-103, 2021.

César Rondueles. Apud. Byung-Chul Han; El País; 17/05/2020; <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599164-o-dataismo-e-uma-forma-pornografica-de-conhecimento-que-anula-o-pensamento-entrevista-com-byung-chul-han>; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Claudio Alvarez Teran. Apud. Byung-Chul Han; Outras Palavras; 29/05/2024; <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/byung-chulhan-sobre-a-esperanca-radical/>; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Descolonización corporal pedagogía de cuerpos libres en aulas una experiencia de arte e inclusión en escuelas públicas de el alto. fundación comunidad de productores en artes 1º edición, El Alto, 2010.

<https://www.fundacioncompa.com/images/publicaciones/1.%20Arte%20para%20la%20educaci%C3%B3n.pdf>

Duarte Júnior, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** Campinas, SP: Papyrus, 2019.

Fischer, Ernst. **A necessidade da arte** (trad. Leandro Konder), 9ª. Edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1982.

Freire, Sulamita Inácio. **POESIA-CURRÍCULO-CURRÍCULO-POESIA**. In: - 41ª Reunião Nacional da ANPEd, 2023. Manaus, AM. Resumo expandido. Link de acesso: https://base.pro.br/sites/41anped/docs/12877-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf

Gonçalves, Amanda de Arruda. **A arte e suas concepções para os alunos do ensino médio: o que dizem as turmas do “terceirão”**. 2021. Monografia (Graduação em Artes Visuais Licenciatura) - Curso de Artes Visuais Licenciatura – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2021.

Han, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje** / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado - Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

Han, Byung-Chul. *Agonia de Eros* / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Han, Byung-Chul. *A salvação do belo* / Byung-Chul Han; tradução de Gabriel Salvi Philipson. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Han, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço* / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Han, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor hoje* / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado. - 1. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

Han, Byung-Chul. *O espírito da esperança: contra a sociedade do medo* / Byung-Chul Han; ilustrações de Anselm Kiefer ; tradução de Milton Camargo Mota. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

Isadora Pellegrini. apud. Leticia Chagas. Revista Arco; 27/05/2022; <https://www.ufsm.br/midias/arco/sociedade-do-cansaco#:~:text=%E2%80%9CA%20sociedade%20do%20cansa%C3%A7o%E2%8>

[0%9D%20%C3%A9,cobran%C3%A7a%20que%20a%20sociedade%20imp%C3%B5e](https://www.conjur.com.br/2024-jan-29/prestes-a-ser-aprovada-lei-da-florida-vai-proibir-uso-de-redes-a-menores-de-16-anos/) ; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

João Ozorio de Melo; Revista Consultor Jurídico; 29/01/2024, 10h31; <https://www.conjur.com.br/2024-jan-29/prestes-a-ser-aprovada-lei-da-florida-vai-proibir-uso-de-redes-a-menores-de-16-anos/> ; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Kenski, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação / Vani Moreira. - 8ª ed. - Campinas, SP: Papyrus, 2012. - (Coleção Papyrus Educação)

Krenak, Ailton. A Vida Não É Útil / Ailton Krenak ; pesquisa e organização Rita Carelli. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Letícia Chagas; UFSM - Revista Arco; 27/05/2022; <https://www.ufsm.br/midias/arco/sociedade-do-cansaco#:~:text=%E2%80%9CA%20sociedade%20do%20cansa%C3%A7o%E2%80%9D%20%C3%A9,cobran%C3%A7a%20que%20a%20sociedade%20imp%C3%B5e>; data de acesso ao site: 01/11/2024.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. Revista Gearte, v. 1, n. 3, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste. O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar. ARTEunesp, São Paulo, v. 9, p. 199-217, 1993.

Martins, Mirian Celeste Ferreira Dias; Picosque, Gisa; Guerra, M Terezinha Telles. Didática do ensino da arte : a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

(OPAS; 28/06/2021; <https://www.paho.org/pt/noticias/28-6-2021-oms-publica-primeiro-relatorio-global-sobre-inteligencia-artificial-na-saude-e#:~:text=28%20de%20junho%20de%202021,novas%20orienta%C3%A7%C3%B5es%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial> ; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.)

Pinto, Camila Braga Soares; Chevitaresh, Leandro Pinheiro. Virada ritual e a ética da alteridade em Byung-Chul Han: a reinserção da arte da atenção, da escuta e do olhar na vida em comunidade. Revista Poiesis, V. 27, N. 2, 2023.

Rupp, Isadora; Nexo; 29/04/2023;
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2023/04/29/como-paises-regulam-o-uso-de-redes-sociais-por-criancas> ; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Sergio C. Fanjul Apud. Byung-Chul Han; El Pais Brasil; 14/10/2021;
<https://outraspalavras.net/outrasmidias/byung-chul-han-o-smartphone-e-o-inferno-dos-iguais/> ; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Taveira; Ana Carolina Delgado Sandim. Nessimian; Maria Celéne de Figueiredo. Caminhos de um percurso poético: experiência estética e processo criativo nas aulas de artes visuais. Anais XXVII ConFAEB. Campo Grande/MS, 2017.

Wurman, Richard Saul.; Observatório de Imprensa; 27/04/2014;
https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed791_a_sociedade_da_hipercomunicacao/ ; data de acesso ao site: 01/11/2024.

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

NATÁLIA DE MELO CABRAL MONTEIRO

Os Sentidos na Sala de Aula: Um Olhar Contemporâneo

Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais apresentado como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Artes Visuais – Licenciatura – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientação: Prof^a. Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi.

Campo Grande - MS
2024

1. APRESENTAÇÃO

Este projeto de curso surge a partir da elaboração do trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: O Sentido da Arte na Era do Cansaço em uma Turma do Ensino Médio. O trabalho teve como objetivo investigar como a aula de arte pode produzir sentido na era do cansaço em uma turma do ensino médio. Este projeto será uma sequência didática de dez aulas focadas na temática da estética do liso (Han, 2015), que reflete sobre o sentido da arte na era contemporânea. O conceito de estética do liso é uma referência do autor Byung-Chul Han para explicar o processo de perda de profundidade reflexiva na sociedade contemporânea com o excesso de informações que nos bombardeiam todos os dias. Refletir sobre como lidar com esse excesso de informações e o medo de ficar por fora (FOMO), contrapondo com estratégias de ser um curador, ou seja filtrar e se organizar perante ao bombardeio de informações. “O Fear of Missing Out (FOMO) ou medo de ficar de fora se refere ao temor de perder experiências significativas vividas pelos demais por não estar conectado.” (Sarmiento; 2024).

O projeto é para ser proposto em uma turma do 2º Ano do Ensino Médio, relacionando com referencial curricular estadual em Arte, pensando uma formação crítica dos alunos sobre o uso excessivo da tecnologia em contraponto à experiência com o mundo através da arte.

EM13LGG702 - Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC's), na formação do sujeito e em práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discurso em ambiente digital.

2. OBJETIVOS GERAL

Investigar os sentidos da arte contemporânea.

3. CONTEÚDO/TEMA GERAL

Arte Contemporânea

4. IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR

2º Ano do Ensino Médio

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 e 2 - Texturas na Arte Visual

Objetivos específicos

- Apresentar as diferentes qualidades da linguagem visual referente a textura;
- Diferenciar as diferentes texturas físicas e ampliar repertório estético de como representá-las;
- Apresentar a artista Lygia Clark e sua obra “Nostalgia do Corpo”;

Conteúdo específico

- Arte contemporânea / Textura

Procedimentos Metodológicos

Começar a aula apresentando as diferentes qualidades das superfícies em Artes Plásticas. Entregar objetos, como pedra, madeira, pano, lixa áspera, ou papel, em suas mãos que representem texturas diferentes para eles sentirem com o tato e responderem qual textura cada objeto se encaixa: Áspero, Liso, Rugoso, etc. Qual agrada mais? Por quê? Perguntar como eles representariam no desenho cada uma dessas texturas? Apresentar a obra da Lygia Clark. **Propor a utilização de técnicas para a construção de textura no desenho, caminhando pelo espaço da escola. Técnicas como da fotografia de dar zoom no assunto escolhido, exemplo um tronco de árvore, e desenhar sua textura, observando as cores e formas.**

Recursos

Objetos com texturas diferentes; Papel Canson A4, gramatura 140; Giz de cera, Giz pastel seco, lápis de cor, projetor.

Avaliação

A avaliação é diagnóstica no processo de diálogo com os alunos sobre a textura, elemento da linguagem visual. A avaliação também é formadora, pois será observado a participação dos alunos nas atividades e na utilização de uma das técnicas aprendidas na representação de texturas.

AULA 3 e 4 - Metáfora Visuais com a Textura

Objetivos específicos

Apresentar o conceito de metáfora em Arte Visual;
 Apresentar a obra de Cindy Sherman relacionando como a arte se utiliza de metáforas;
 Construir uma poética utilizando textura e metáfora;

Conteúdo específico:

Arte Contemporânea / Metáfora Visual

Procedimentos Metodológicos

Começar a aula perguntando se alguém sabe dizer o que é uma metáfora? Apresentar o conceito de metáfora para eles. Falar como a arte se utiliza destas, mostrando a série “Society Portraits”, 2008, de Cindy Sherman que explora temas como envelhecimento, padrões de beleza e as tensões culturais em torno da manutenção de uma aparência jovem e idealizada. Apresentar relações que a textura pode ter como metáfora dos sentimentos humanos; Apresentar o livro “Emocionário” e **propor aos alunos que criem uma poética com desenho utilizando metáfora, textura e um dos sentimentos do livro;**

Recursos: Obras impressas da Cindy Sherman em A4, livro “Emocionário”, Projetor; Papel Canson A4, gramatura 140; Giz de Cera, revistas, tesouras; cola.

Avaliação: A avaliação é diagnóstica no processo de diálogo com os alunos sobre o conceito metáfora na arte relacionado a texturas. A avaliação também é formadora, pois será observado a participação dos alunos nas aulas e na entrega do trabalho de criação de uma metáfora visual com textura e sentimento;

AULA 5 e 6 - Cansaço contemporâneo

Objetivos específicos

Apresentar a temática do cansaço contemporâneo com o excesso de informações;

Apresentar o artista contemporâneo Suzano Corrêa;

Apresentar o conceito de FOMO

Conteúdo específico

Arte contemporânea / Técnicas da Collage

Procedimentos Metodológicos

Iniciar a aula apresentando um vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=h8qS8s9IRO8de> sobre o conceito de FOMO. Conversar com os alunos o que eles acham, se já se sentiram assim, ou o que pensam sobre. Apresentar o conceito de cansaço para Han (2017). Fazer um mapa no quadro com o título Cansaço e pedir para os alunos falarem o que vier à cabeça. Diferenciar os dois conceitos: Estesia e Anestesia. Apresentar a diferença de opressão utilizada na época da escravidão e a ditadura com o cerceamento da liberdade e que atualmente se faz de forma mais sutil pela promoção da liberdade e excesso de informações embotando a percepção e sensibilidade; Relembrar o conteúdo estudado referente a textura e metáfora visual e investigar nas obras de Suzano Corrêa: “Homem deitado no cansaço de ser”, Desenho, 2021; “Homem com o olhar perdido na distância”, Desenho, 2021; “Homem construindo uma torre para longe do seu próprio coração”, Desenho, 2021; “Homem procurando no fundo dos seus motivos”, Desenho, 2021; Homem juntando os próprios cacos na ânsia de tornar a quebrar-se”, Desenho, 2021; como essas duas qualidades aparecem. Quais configurações expressam mais objetivamente um sentimento. Abordar a oposição dos sentimentos nas obras de Suzano: violência x ternura, medo x esperança, alegria x melancolia;

Propor que os alunos criem uma metáfora visual utilizando o sentimento de cansaço contemporâneo utilizando a linguagem da collage e o desenho, pensando nas configurações de figura e fundo, paleta de cores, ritmo e textura.

(Excesso de estímulos e informações; Oposição entre cansaço e vitalidade. Estesia e Anestesia.) Obs. Pensar sobre o que te causa cansaço no seu cotidiano e porquê? O que te causa estesia e o que anestesia?

Recursos: Obras impressas em tamanho A4; Papel Canson A4, gramatura 140; revistas; tesouras; cola; papel colorido;

Avaliação A avaliação é diagnóstica no processo de diálogo com os alunos sobre metáfora visual do cansaço contemporâneo. A avaliação também é formadora, pois será observado a participação dos alunos nas atividades e na entrega do trabalho de colagem utilizando as técnicas da gestalt e abordando o tema de cansaço contemporâneo.



Susano Correia, "Homem deitado no cansaço de ser", Desenho, 2021.



"Homem com o olhar perdido na distância", Desenho, 2021;



"Homem procurando no fundo dos seus motivos", Desenho, 2021;



“Homem construindo uma torre para longe do seu próprio coração”, Desenho, 2021;



Homem juntando os próprios cacos na ânsia de tornar a quebrar-se”, Desenho, 2021.

AULA 7 e 8 - O encontro com o outro

Objetivos específicos

Apresentar o conceito de “desastre enriquecedor” referente a beleza do encontro com a arte e o outro;

Ampliar repertório estético com os artistas contemporâneos: Lygia Clark e Hélio Oiticica

Criar poética utilizando a linguagem da fotografia;

Conteúdo específico

Arte Contemporânea / Fotografia

Procedimentos Metodológicos

Começar a aula falando como a arte oferece a possibilidade de estabelecer diferentes

relações com o mundo e com o outro através de suas poéticas. Perguntar de onde os alunos são? Refletir que cada um tem uma história e características singulares que ao mesmo tempo é universal. Apresentar a obra “Caminhando”, 1963, de Lygia Clark e propor para os alunos produzirem a Fita de Moebius. Ouvir deles como foi a experiência. Caminhando nos deparamos com singularidades outras que no encontro com elas nos enriquece, apesar de serem desastres no nosso mundo pessoal; Pedir que escrevam em cartões uma palavra que singularize alguém, pode ser uma característica visual, sensação, cheiro, som.

Na outra aula vamos falar sobre hospitalidade ao outro totalmente diferente de mim. Apresentar a obra do artista contemporâneo Hélio Oiticica com suas instalações convidativas a adentrar e participar da obra. Relacionar essa mudança na história da arte de uma contemplação versus participação do público. Espectador versus participante. Refletir sobre aprendizados que a proximidade e distância nos dão na percepção visual do mundo.

Propor que os alunos criem uma poética visual através da fotografia com os celulares abordando singularidades de alguém e/ou lugar que não podem ser alisadas (simplificadas) relacionando com o conceito de estética do liso;



Obra “Caminhando”, 1963, Lygia Clark.

Recursos: Projetor, papel sulfite, tesouras, celulares.

Avaliação: A avaliação é diagnóstica no processo de diálogo com os alunos sobre o conceito de arte contemporânea, hospitalidade, experiência, singularidade. A avaliação também é formadora, pois será observado a participação dos alunos nas

atividades e na realização do trabalho de fotografia representando singularidades humanas;

AULA 9 e 10 - Fechamento

Objetivos específicos

Refletir sobre os trabalhos e fazer comentários;

Apresentar o conceito de curadoria em arte;

Construir a organização dos oito poéticas realizadas para exposição no espaço coletivo da escola;

Conteúdo específico

Arte Contemporânea / Expografia

Procedimentos Metodológicos

Começar a aula com os trabalhos, realizados durante as oito aulas anteriores, colados no quadro e nas paredes da sala e convidando os alunos para 10 min. de apreciação. Na sequência vamos nos sentar e conversar sobre as impressões. Levantar questionamentos como: De que forma as metáforas visuais podem se relacionar com as texturas ou outro elemento da linguagem visual? Demonstre através do trabalho dos colegas. Propor construir uma narrativa contada através destas obras sobre os conceitos estudados como cansaço contemporâneo, desastre enriquecedor, singularidades.

Na última aula vamos **construir a exposição dos trabalhos realizados com a ordenação dos conceitos norteadores. Pensar na participação do público, com papéis e caneta para escreverem sobre uma palavra que singularize alguém.**

Recursos: Projetor, fita crepe, barbante, cola, tesoura, folha com QRcode de um padlet com: fotos dos bastidores das aulas, textos sobre os conceitos; fotos da exposição; Obras dos artistas utilizados como referência;

Avaliação: A avaliação é diagnóstica no processo de diálogo com os alunos sobre o conceito de expografia e curadoria. A avaliação também é formadora, pois será

observado a participação dos alunos na realização da exposição.

6. AVALIAÇÃO

A avaliação é baseada na teoria de Luckesi (2011), sendo ela diagnóstica e formadora, pois é muito importante identificar o que os alunos conhecem sobre as temáticas e a partir disso relacionar com o universal nas obras dos artistas apresentados e a capacidade de cada aluno em refletir os aprendizados nos oito trabalhos.

7. REFERÊNCIAS

Descolonización corporal pedagogía de cuerpos libres en aulas una experiencia de arte e inclusión en escuelas públicas de el alto. fundación comunidad de productores en artes 1º edición, El Alto, 2010.
<https://www.fundacioncompa.com/images/publicaciones/1.%20Arte%20para%20la%20educaci%C3%B3n.pdf>

Correia, Susano. Para sempre, nunca mais / Susano Correia. - São Paulo: Ed. do autor, 2021.

Freire, Sulamita Inácio. POESIA-CURRÍCULO-CURRÍCULO-POESIA. In: - 41ª Reunião Nacional da ANPEd, (2023). Manaus, AM. Resumo expandido. Link de acesso: https://base.pro.br/sites/41anped/docs/12877-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf

Han, Byung-Chul. A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado - Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

Han, Byung-Chul. Agonia de Eros / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Han, Byung-Chul. A salvação do belo / Byung-Chul Han; tradução de Gabriel Salvi Philipson. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Han, Byung-Chul. Sociedade do cansaço / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Han, Byung-Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado. - 1. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

Han, Byung-Chul. O espírito da esperança: contra a sociedade do medo / Byung-Chul Han; ilustrações de Anselm Kiefer ; tradução de Milton Camargo Mota. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

Italo Rufino; 28/03/2022; <https://emergemag.com.br/susano-correia-inquietacoes-do-ser-frente-a-si-proprio/>; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Lygia Clark : projeto para um planeta / curadoria Ana Maria Maia, Pollyana Quintella ; textos Irene V. Small ... [et al.] - São Paulo : Pinacoteca de São Paulo, 2024.

Lygia Clark; 1963; <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando> ; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Luckesi, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Componente do Ato Pedagógico. - 1º Ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

Monteiro, Natália de Melo Cabral. O sentido da arte na era do cansaço em uma turma do ensino médio. 2024. Monografia (Graduação em Artes Visuais Licenciatura) - Curso de Artes Visuais Licenciatura – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

Pereira, Cristina Núñez. Emocionário: Diga o que você sente / Cristina Núñez Pereira, Rafael R. Valcárcel; tradução de Rafaella Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

Rodrigo Daniel Sanches; 24/06/2024; <https://revistacult.uol.com.br/home/estetica-do-liso-beleza-e-morte/>; data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.

Thais Ferrugem Sarmento; 24/01/2024; [https://www.ufrgs.br/saberviver/fear-of-missing-out-fomo-o-que-e-o-medo-de-ficar-de-fora-e-como-lidar-com-ele/#:~:text=O%20Fear%20of%20Missing%20Out,e%20publicando%20nas%20m%C3%ADdias%20sociais.%20Data%20de%20acesso:%2003/11/2024.](https://www.ufrgs.br/saberviver/fear-of-missing-out-fomo-o-que-e-o-medo-de-ficar-de-fora-e-como-lidar-com-ele/#:~:text=O%20Fear%20of%20Missing%20Out,e%20publicando%20nas%20m%C3%ADdias%20sociais.%20Data%20de%20acesso:%2003/11/2024.;); data de acesso ao site 1º de novembro de 2024.